UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS

CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

MARIA JULIA DA CUNHA MELO SILVA

PROFISSÃO/PROFESSOR: UMA ANÁLISE DO CANAL VIRTUAL "VOZ DOCENTE"

AREIA - PB

2022

MARIA JULIA DA CUNHA MELO SILVA

PROFISSÃO/PROFESSOR: UMA ANÁLISE DO CANAL VIRTUAL "VOZ DOCENTE"

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado da Universidade Federal da Paraíba, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Orientadora: Profª Dra. Ângela Cristina Alves Albino.

AREIA - PB

2022

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586p Silva, Maria Julia da Cunha Melo.
Profissão/Professor: uma análise do canal virtual "Voz docente" / Maria Julia da Cunha Melo Silva. - Areia:s.n, 2022.
75 f. : il.

Orientação: Ângela Cristina Alves Albino.
TCC (Graduação) - UFPB/CCA.

1. Ciências Biológicas. 2. Educação. 3. Profissão. 4. Docência. 5. Voz docente. I. Albino, Ângela Cristina Alves. II. Título.

UFPB/CCA-AREIA CDU 573(02)

MARIA JULIA DA CUNHA MELO SILVA

PROFISSÃO/PROFESSOR: UMA ANÁLISE DO CANAL VIRTUAL VOZ DOCENTE.

Trabalho de Conclusão de apresentado a Universidade Federal da Paraíba, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciatura em Ciência Biológicas.

Aprovado em: 15/12/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Ângela Cristina Alves Albino

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Prof. Dr. José Luiz Ferreira

Universidade Federal de Campina (UFCG)

Prof. Dr. Wilson José Felix Xavier

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

A minha mãe com gratidão, pelo amor, apoio, cuidado e suporte, por sua incansável dedicação à minha formação acadêmica, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Chegou o grande momento de agradecer, ter o que agradecer, escrevo essas linhas com muita alegria, emoção, e reconhecimento das coisas boas que existem na vida, expresso a minha sincera gratidão a todos em que me refiro, se cheguei até aqui foi por vocês, e pela minha ousadia de nunca deixar de sonhar e acreditar.

Agradeço primeiramente ao pai celestial, força que me orienta, me rege, protege e sustenta, por edificar a minha fé, e me conceder graças. Sou grata por me permitir chegar aqui e pelo dom da vida, que por muitas vezes é tão dura, mas também, tão doce, tão forte e tão escola.

Sou grata aos meus familiares, que me cercam e torcem por mim em cada grande e pequena conquista, especialmente, a minha mãe, Magna da Cunha Melo Silva, por todo cuidado, amor e zelo, pelas orações, pelos esforços, pelos conselhos, por todos os sacrifícios, por me ensinar tanto, por nunca medir forças para realizar meus sonhos, por acreditar em mim, por segurar a minha mão nos momentos de aflição em que sabiamente me trazia a realidade por me entender apenas com seu olhar. Meus mais sinceros agradecimentos, e a ti, tenho profunda admiração. GRATIDÃO.

Agradeço ao meu pai, Francisco de Assis, por todo apoio e carinho.

Agradeço a minha irmã, Gabriella Melo, por todo amor e parceria, pela presença transformadora que é na minha vida, por se fazer presente todos os momentos e vibrar com todas minhas conquistas, por colorir meus dias e por preencher minha vida de alegrias e sorrisos. Obrigada pelos incentivos diários e por ser base, orgulho e força.

Agradeço aos meus tios, Marileide de Fátima “Tia Lêda” (in memoriam), pelo cuidado, amor, carinho, valores morais e incentivos na minha educação, à tia Dalva (in memoriam), pelos conselhos e por demonstrar sempre interesse em ouvir sobre meus caminhos na vida acadêmica, a tio Manoel “Tio Manezinho” (in memoriam), por todos os momentos de alegrias concedidos, embora fisicamente ausentes, sigo a vida sentindo a presença de vocês ao meu lado. Expresso minha gratidão e admiração aos tios, Marineide e José Marcos por se fazerem presente em várias fases da minha vida.

A meus primos queridos agradeço com grande carinho, à Karolaynne Melo, Isabel Kamilla, Thaynara Melo, Dallyana Laura, especialmente a Eduardo Ferreira, por vezes, parecer tanto comigo, afirmando seu gosto pelos estudos e pela ciência, por seu olhar vivo e curioso em aprender coisas novas e pelos diálogos compartilhados sobre as experiências escolares. Agradeço também a meu primo a que tenho grande consideração, David Francisco, que mesmo distante se fez tão presente, me ajudando tanto em vários momentos, desde que iniciei minha trajetória na faculdade. Gratidão a cada um de vocês, que alegria é tê-los!

Agradeço de maneira singular a minha madrinha, Selma Ferreira, por toda ajuda e apoio durantes esses anos na universidade.

Parafraseando a minha cantora preferida, Maria Bethânia, “Agradecer os amigos fiz, que mantém a coragem de gostar de mim, apesar de mim...”. Nessa lista, cito os nomes de pessoas incríveis e especiais que estabeleceram vínculos significativos na minha vida, agradeço com muito amor e afeto aos nomes: Clara Cavalcante, Karolaynne, Elias Sampaio, Tarcianno José, João Victor, Arywelton, José Augusto, Mércia Laís, Hiolanda Cadete,Valmir, Elaine e Esteffanie. Sei que torcem por mim, assim com eu, por vocês.

A minha amiga de infância, Rita de Cássya, que sempre esteve disposta a me ajudar e me ajudou em tudo, principalmente em algumas questões técnicas desse trabalho.

Agradeço aos amigos que fiz na UFPB/CCA, à Adaelma, Luana Fernandes, Diana, Rogério Emerson, Luana Targino, André Policarpo, Ana Luíza, Everton Barbosa, Muriel Thobias e Jefferson.

A minha amiga Tatiane Roseno, sua amizade foi um real presente que o curso de Biologia me deu para vida, ser humano esse, que tenho enorme apreço, respeito e admiração, manifesto aqui toda minha gratidão por tudo, pela parceria durante todo o curso, pelos momentos, pelas conversas, pelas alegrias e tristezas compartilhadas, e por sempre extrair o melhor de mim, me incentivando a crescer, e me fazendo superar alguns obstáculos com sua voz incrivelmente calma acreditando sempre no lado positivo das coisas e por fim, por sempre estar à disposição em me ajudar em qualquer que seja as circunstâncias.

Aos amigos de turma pelos momentos de amizade e apoio, desejo sorte e persistência na caminhada de vocês: Diego Miranda, Tatiane Alves, Marcus Aurélio, Jailma Thomaz, Myllena Camila e Alan Gomes.

A minha orientadora, professora Ângela Albino, por me acolher e aceitar conduzir minha pesquisa, pelos compartilhamentos, pelo carinho e dedicação de sempre. Obrigada por ser esse ser de luz na vida dos seus alunos e por acreditar em uma educação transformadora e esperançosa, me fazendo enxergar as bonitezas na educação básica.

Aos professores do curso de Ciências biológicas que contribuíram com minha formação docente, agradeço de forma singular, à David Holanda, Wilson Xavier, Jonas Weverson, Maria Betânia Sabino e Ângela Albino, personalidades que levo como inspirações pra vida profissional e pessoal, vejo muito de Paulo Freire em vocês. Assim como a minha banca examinadora.

Agradeço a Universidade Federal da Paraíba, lugar com que aprendi e cresci muito, e a todos os seus funcionários técnicos (as) e auxiliares, exclusivamente aqueles com que eu tive

o prazer de trabalhar em alguns dos setores, sou muito grata pelo acolhimento, pelo carinho, conselhos e palavras amigas de vocês.

(...) E no meio das minhas nuances eu vou mudando até encontrar o tom.

(Aislan Fonseca)

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), aborda a profissionalidade docente, de modo especial dos professores (as) da educação básica, no tocante a maneira pelo qual a docência é representada na sociedade, bem como os desafios vivenciados na história de sua profissão e no seguimento de seu ofício e as condições de efetivação de seu trabalho em um momento desafiador advindo da pandemia do covid-19, evidenciando os impactos causados na vida e na prática pedagógica desses educadores. Nesse sentindo, a pesquisa desdobra-se partir da análise do canal virtual "Voz Docente", ação do projeto "Base Nacional Comum Curricular: significações em torno da autonomia docente", Campus II – Areia, e espaço criado no centenário de Paulo Freire que busca evidenciar continuadamente as vozes dos professores(as) da educação básica. Diante do exposto, o trabalho tem como objetivo geral: analisar profissionalidade docente dos participantes do canal virtual "Voz Docente" a partir dos sentidos de opressão e conscientização em Paulo Freire. No que se refere aos objetivos específicos: evidenciar historicamente a trajetória da profissão docente no Brasil; destacar as vozes, bem como os silenciamentos identificados no percurso histórico da existência do canal Voz Docente e revelar a importância da voz docente na construção dos currículos escolares. A pesquisa é caracterizada como bibliográfica e descritiva analítica com base leituras e discussões das obras freireanas, tais como: *"Pedagogia do Oprimido", " Pedagogia da autonomia", "Conscientização", "Professora, sim, tia não – Cartas a quem ousa ensinar", "Pedagogia da esperança" e "Educação como prática da liberdade",* como outros autores que auxiliaram na compreensão e aprofundamento das ideias e sentidos do autor. Os resultados demonstram a relevância dessa pesquisa ao campo da educação, destacando que algumas reflexões são necessárias no que envolve a valorização do professor como ser humano e profissional. Muito são os desafios que entornam essa profissão, citando alguns deles como, a intensificação, precarização e exploração do seu ofício, as dificuldades em operar os meios virtuais, o silenciamento de suas vozes, a escassez de formação e assistência à saúde física e mental dessa categoria, sendo indispensável propiciar aos docentes, melhores condições para o cumprimento de sua prática.

Palavras-Chave: educação; profissão; docência; voz docente; Paulo Freire.

.

ABSTRACT

This Course Completion Work (TCC) addresses the teaching profession, especially of basic education teachers, regarding the way in which teaching is represented in society, as well as the challenges experienced in the history of their profession and following their work and the conditions for carrying out their work at a challenging time arising from the covid-19 pandemic, highlighting the impacts caused in the lives and pedagogical practice of these educators. In this sense, the research unfolds from the analysis of the virtual channel "Voz Docente", action of the project "National Common Curricular Base: meanings around teaching autonomy", Campus II - Areia, and space created in the centenary of Paulo Freire that seeks to continually highlight the voices of basic education teachers. In view of the above, the work has the general objective: to analyze the teaching professionality of the participants of the virtual channel “Voz Docente” based on the senses of oppression and awareness in Paulo Freire. With regard to the specific objectives: historically highlight the trajectory of the teaching profession in Brazil; highlight the voices, as well as the silences identified in the historical course of the existence of the Voz Docente channel and reveal the importance of the teaching voice in the construction of school curricula. The research is characterized as bibliographic and analytical descriptive based on readings and discussions of Freire's works, such as: "Pedagogy of the Oppressed", "Pedagogy of autonomy", "Conscientization", "Teacher, yes, aunt no - Letters to those who dare to teach ”, “Pedagogy of hope” and “Education as a practice of freedom”, as other authors who helped in the understanding and deepening of the author's ideas and meanings. The results demonstrate the relevance of this research to the field of education, highlighting that some reflections are necessary in what involves the appreciation of the teacher as a human and professional being. There are many challenges surrounding this profession, citing some of them as the intensification, precariousness and exploitation of their craft, the difficulties in operating virtual means, the silencing of their voices, the scarcity of training and assistance to the physical and mental health of this profession. category, being essential to provide teachers with better conditions for the fulfillment of their practice

Key words: education; profession; teaching; teaching voice; Paulo Freire..

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Percepções dos professores sobre a profissão..... 21

Figura 2 – Percepções dos professores sobre a profissão..... 29

Figura 3 – Investimento em educação..... 30

Figura 4 – Trabalho em múltiplas escolas..... 30

Figura 5 – Satisfação salarial..... 31

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNTE	Confederação Nacional dos trabalhos em Educação
LDB	Lei de Diretrizes da Educação
OCDE	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico

SUMÁRIO

1 **INTRODUÇÃO** **13**
2 PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS DO SER PROFESSOR NO BRASIL **16**
2.1 Professor profissão ou vocação? **16**
2.2 Reconhecimento social e valorização profissional **22**
3 A DOCÊNCIA EM PAULO FREIRE **32**
3.1 Docência na perspectiva freireana e tensões do contexto pandêmico **32**
3.2 Politicidade **39**
3.3 Autonomia **41**
4 O CANAL VOZ DOCENTE **43**
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS **44**
6 RESULTADOS E DISCUSSÕES **46**
CONSIDERAÇÕES FINAIS **68**
REFERÊNCIAS **71**

1 INTRODUÇÃO

1.1 Percurso da pesquisa

> "Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou é marcado para ser educador. A gente se faz educador, na prática e na reflexão sobre a prática".
>
> Paulo Freire, A Educação na Cidade, 2006.

Introduzo este trabalho com essa frase de Paulo para melhor explicar como cheguei ao tema e como escolhi ser professora[1]. Como ele mesmo cita ninguém começa a ser educador, a gente se faz, e foi justamente pelas minhas experiências escolares e acadêmicas que me fizeram e me levaram a escolha da licenciatura. Sempre tive profundo respeito à figura do professor e a grandeza que essa profissão representa, hoje sei como eles nos marcam e constitui nossa vida.

Desde criança sempre tive a presença de grandes professores na minha vida, começando pela presença da minha tia, professora, que por opção exercia outro ofício, quando morei por certo tempo com ela, recordo perfeitamente de todos os momentos em que ela pacientemente me ensinava a ler e escrever em meio a sua rotina atarefada, me alfabetizando antes mesmo que eu conhecesse uma escola.

Sempre fui uma aluna curiosa, com boas notas, bom comportamento, organizada, o que me destacava e às vezes me frustrava por escutar que era avançada para estar em certa turma, muito de disciplina eu aprendi em casa com ela, e me questionava pelas tantas atividades extras que ela deixava pra fazer, hoje compreendo cada processo. Ela sempre me explicou os valores do que é ter uma educação, e constantemente em vida reforçou o pedido que eu sempre continuasse a estudar.

Parte dessa influência também surgiu da minha mãe, que trabalhou arduamente quase 30 anos na escola Álvaro Machado, e nessa mesma instituição, estudei 3 anos de minha vida, e crescendo boa parte dela ali, foi nesse ambiente que comecei a enxergar a realidade e os desafios da docência e ao mesmo tempo crescia o desejo de ser igual a algumas professoras que tive no ensino fundamental.

[1] Durante a introdução, diferente dos demais capítulos, optei em alguns momentos pela narrativa na primeira pessoa do singular. Esta escolha se deu uma vez que durante sua escrita, conto e reconstruo um pouco de minha experiência particular, no que diz respeito a minha formação, caminhos e escolhas enquanto pesquisadora que me levaram a este tema.

Grande parte da minha vida escolar estudei em escolas públicas, assim, quando terminei o ensino médio no ano de 2015, fiz o Enem e fui aprovada em dois cursos, Letras e Ciências Biológicas, não eram as opções que eu desejava, mas, eram cursos que me enchiam os olhos por eu ter grandes referências de professores nessas áreas e por grande apresso nas disciplinas no ensino fundamental e médio.

Iniciando minha trajetória acadêmica em 2016 no curso de licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade Federal da Paraíba, no começo me sentia perdida, deslocada, em novo mundo, principalmente nas cadeiras de cálculos, que me faziam falhar e pensar em desistir, foram nesses desencontros que me encontrei, especificamente nas disciplinas especificas de licenciatura, passar por essa adaptação me fez mais forte porque eu sabia que eu era boa em outras coisas e minha teimosia fez com que eu não desistisse.

Como sempre demonstrei interesse em temáticas que envolviam a educação, adentrei como voluntária no projeto do Probex de Formação continuada de professores no município de Areia: explorando materiais didáticos para o ensino e aprendizagem de matemática e logo ao mesmo tempo me escrevi, fui aprovada no programa da Residência Pedagógica como bolsista em 2018. A minha atuação nesses dois projetos foi primordial para minha formação acadêmica, foi vivendo essas práticas que surgiram os primeiros questionamentos sobre valorização da profissão docente e a qualidade da educação básica. Atuando na sala de aula por intermédio da Residência Pedagógica pude viver de maneira real o que é ser professor da rede pública de ensino e vivenciar todas as dificuldades, inclusive, sobre a teoria e a pratica e suas contradições.

Concluído o edital da residência, me tornei bolsista do Projeto de formação de professores no qual era voluntária antes, e no meio da pandemia vivi essa transição do ensino presencial ao remoto em razão da pandemia, e suas implicações na educação básica. Por uma identificação e o desejo de aprofundar-se nessas questões que propiciam uma rica experiência para meu futuro profissional como estudante de licenciatura, no ano posterior me tornei bolsista do projeto “Base Nacional Comum Curricular: significações em torno da autonomia docente” que faz parte do Programa de Apoio às Licenciaturas da Universidade Federal da Paraíba, Campus II – Areia no ano de 2021.

Integrando-se constantemente como membro da equipe do canal virtual “Voz Docente”: anúncio e denúncia, ação extensionista desse projeto, que consiste em evidenciar, valorizar e legitimar umas das mais valorosas vozes ou deveria ser a mais importante, a voz que ensina, a voz do professor(a), especialmente a aqueles(as) que trabalham na educação

básica, tentando romper os desafios presentes em torno desta profissão. Assim, despertou-me a necessidade de compreender e analisar os contextos dessa realidade do professor e os desafios que existem em torno da sua profissão, partindo do seguinte pressuposto: como o canal "Voz Docente" pode evidenciar em seu pouco tempo de transmissão as marcas da opressão na profissão docente? De que forma essas marcas foram evidenciadas na produção Freireana?

Desta maneira, como o canal evidencia principais desafios vividos na realidade dos professores da educação básica, e como essa realidade muda com a pandemia, os professores precisaram lidar com maiores desafios o que dificultou ainda mais o desempenho do trabalho docente. Logo, esse trabalho tem como objetivo geral: analisar a profissionalidade docente dos participantes do canal virtual "Voz docente" a partir dos sentidos de opressão e conscientização em Paulo Freire. E como objetivos específicos: evidenciar historicamente a trajetória da profissão docente no Brasil; destacar as vozes, bem como os silenciamenttos identificados no percurso histórico da existência do canal Voz Docente e revelar a importância da voz docente na construção dos currículos escolares.

O trabalho está constituído por 07 capítulos da seguinte forma, no primeiro capítulo discorre a introdução da pesquisa, apresentando a trajetória da autora e os caminhos que a levaram a escolha do objeto do estudo. "No segundo capítulo, inicia-se a fundamentação teórica com os "Pressupostos históricos do ser professor no Brasil", apresentando a discussão em dois subintes, "Professor profissão ou vocação" e "Reconhecimento social e valorização profissional." O terceiro capítulo, abordamos a docência na perspectiva freireana, discorrendo entre os subintes, "Docência na perspectiva freireana e tensões do contexto pandêmico", "Politicidade" e "Autonomia.". O quarto Capitulo trata-se sobre o "Canal Voz Docente". O quinto capitulo, aborda-se os procedimentos metodológicos, posteriormente, o sexto expõe os resultados e discussões da pesquisa, finalizando com o sétimo capitulo com as conclusões.

2 PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS DO SER PROFESSOR NO BRASIL

2.1 Professor profissão ou vocação?

‘’O professor é a pessoa; e uma parte importante da pessoa é o professor.”

NIAS, J., apud NÓVOA, 1995, p.15

A discussão em torno da profissão docente não é atual. No Brasil, ela deriva-se a partir da sucessão de grandes transformações econômicas e sociais. Abordar sobre a formação de professores é algo tão antigo quanto novo, é um campo muito pesquisado, mas, também desconhecido. Em sua historicidade, esta profissão passou por inúmeros acontecimentos e modificações que transcorre seu passado e sua atualidade, juntamente com políticas e condições de trabalho, que construíram e constroem a imagem e o profissionalismo docente.

A função de ensinar é bastante antiga, o que torna a docência uma das profissões mais antigas da humanidade, o ofício de mestre vem anteriormente ao desenvolvimento da escrita e da criação de instituições educadoras. Nasce no momento que se despertou a necessidade de ensinar/repassar para o outro tudo aquilo que se considerava ser importante, a oralidade por intermédio de alguns aspectos comunicacionais foi relevante nesse processo de professoralidade.

São existentes vários níveis de formação da identidade coletiva como: profissão, comunidade de habitação, modo de vida e família. Entretanto, no mundo salarial, sobretudo no meio industrial, o trabalho desenvolve um papel muito importante que atravessa todos esses campos, tornando-se ‘’ Um princípio, um paradigma, algo enfim, que se encontra nas diversas integrações sem fazer desaparecer as diferenças ou os conflitos.” (CASTEL,1998, p. 532).

Já o conceito de profissionalização contextualizada por Mark Ginsburg, e apropriada por Nóvoa refere que: “A profissionalização é um processo através do qual os trabalhadores melhoram o seu estatuto, elevam os seus rendimentos e aumentam o seu poder/autonomia”. (*apud* NÓVOA, 1992, p. 23). Porém, com base na literatura, há muitas dificuldades para definir a docência como profissão e vários fatores interferem o processo de profissionalização desta categoria. Dois deles é a imagem que se tem hoje do professor, que está estigmatizada pela relação da Igreja com a educação. Como nos mostra Nóvoa, “algumas pessoas têm do ensino a visão de uma atividade que se realiza com naturalidade, isto é, sem necessidade de qualquer formação específica” (1992, p. 21). Nota-se que essa concepção é resultado de uma história recente, no que se refere a algumas regiões do país, no qual, ainda existem

professores leigos, ou sem formação específica. E outro, segundo Nóvoa (2003), diz respeito ao fato de o trabalho docente ser licenciado, regulamentado e fiscalizado pelo Estado, o que constitui um importante obstáculo à instituição dessa atividade como profissão.

A princípio no Brasil, o magistério era predominado pelo ensino Jesuítico, desenvolvido por padres da igreja católica que tinha seu objetivo principal a catequese, durante dois séculos eles foram os educadores, oferecendo aos sacerdotes professores os planejamentos, programas e metodologias pautadas na razão e mediadas pela fé. (Aranha, 2006). Nóvoa (1995) descreve que a gênese da profissão professor se encontra em meio às congregações religiosas, que se tornou em verdadeiras congregações docentes "[...] ao longo dos séculos XVII e XVIII, os jesuítas e os oratorianos, por exemplo, foram progressivamente configurando um corpo de saberes e de técnicas e um conjunto de normas e de valores específicos da profissão docente." (p.15).

Na época colonial a igreja tinha representação docente como um ato beatífico, o que lhe dispunha um destaque social por que:

> (...) seu prestígio se associava à importância econômica e política que a Igreja assumia enquanto agência colonizadora e, paralelamente, como agência controladora e distribuidora dos bens culturais. O sacerdote acumulou várias funções: foi médico, botânico, estadista, militar, engenheiro, navegante, confessor e professor. Por esse motivo, seria mais acertado falar na função docente do sacerdócio do que na docência enquanto profissão (NUNES, 1985, p. 60).

Com início da estatização docente por intermédio da reforma pombalina, que foi instituída com a expulsão dos jesuítas em 1759, após o surgimento de um descontentamento ao fanatismo religioso. A inserção desse novo sistema educacional teve a extensão de 13 anos, pois, precisavam lutar contra algumas contrariedades, já que os educadores de formação religiosa não foram substituídos de maneira imediata. Leigos começaram a ser incluídos no ensino e assim o Estado pela primeira vez assumiu a responsabilidade da educação. Depois disso, houve a necessidade de oficializar pela primeira vez a profissão docente.

> O importante dessas reformas para a profissão docente foi que nelas se forjou uma nova classe trabalhista e delas também saiu a primeira legislação portuguesa-brasileira para a educação de que se tem notícia. Entender a gênese da profissão docente é localizar a formação de uma categoria profissional levando em consideração a sua importância, os motivos para surgimento, a força da nomenclatura e a importância na consolidação de um plano para além de pedagógico, mas com fortes vieses sociais, políticos e econômicos (Barbosa; Filho, 2013, p. 12).

De acordo com Nóvoa (1999), houve apenas uma transferência, da Igreja para o estado, de professores religiosos para leigos. O ensino passou ser laico e não religioso, embora não acorreu muitas mudanças significativas nos preceitos e valores originais da profissão docente concebido nas congregações religiosas, o modelo do professor e o seu perfil

era muito próximo ao de um sacerdócio. Acerca da profissão docente, da Companhia de Jesus e da Reforma Pombalina o autor destaca:

> O processo de estatização do ensino consiste, sobretudo, na substituição de um corpo de professores religiosos (sob o controle da Igreja) por um corpo de professores laicos (sob o controle do Estado), sem que, no entanto, tenha havido mudanças significativas nas motivações, nas normas e nos valores originais da profissão docente: o modelo do professor continua muito próximo do padre. (NÓVOA, 1995, p. 15)

Com essa intervenção do estado ao ensino, ele acaba gerando a homogeneização, unificação e hierarquização de todos os grupos de professores existentes nesse período. Ao gerir o exercício formal da docência, o Estado estabelece ao professor a condição de funcionário, impossibilitando sua autonomia na regulação de sua profissão, diferente de como ocorre com outras profissões. Conforme Nóvoa (2003, p. 25), essa regulação deveria ocorrer no seio da própria categoria.

> Para além da tradicional autonomia da sala de aula, os professores têm de adquirir margens mais alargadas de autonomia na gestão da sua própria profissão e uma ligação mais forte aos actores educativos locais (autarquias, comunidades, etc.)

Além disso, os professores não dispunham de autonomia no desenvolvimento do seu trabalho pedagógico por consequência de sofrerem influências externas nas atividades docentes, tanto pela igreja quanto pelo governo. Tudo isso, estava correlacionado a finalidade de disseminação dos valores dos que estavam ligados no poder, o que nos mostra, a figura do professor como aquele que servia de mecanismo de reprodução dessas doutrinas. Para descrever esse movimento de doutrinação utilizado na escola pelos detentores do poder, Bourdieu (1989) cria o conceito de violência simbólica, violência essa que não é aquela que dói no corpo físico e sim, o sentimento de culpa por não se adequar a algo imposto pela sociedade, afirmando que:

> É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a 'domesticação dos dominados' (BOURDIEU, 1989: p.11)

Nesse novo modelo, em que o ensino é dominado pelo Estado, provoca à imagem do professor :

> Ao longo do século XIX consolida-se uma imagem do professor, que cruza as referências ao magistério docente, ao apostolado e ao sacerdócio, com a humildade e a obediência devidas aos funcionários públicos, tudo isto envolto numa auréola algo mística de valorização das qualidades de relação e de compreensão da pessoa

> humana. Simultaneamente, a profissão docente impregna-se de uma espécie de entre-dois, que tem estigmatizado a história contemporânea dos professores: não devem saber de mais, nem de menos; não se devem misturar com o povo, nem com a burguesia; não devem ser pobres, nem ricos; não são (bem) funcionários públicos, nem profissionais liberais (NÓVOA, 1992, p. 16).

Posteriormente, em meados do século XIX, ser professor corresponde a um status relevante na sociedade, transfigurando-se em sinônimo de superioridade social, o que o tornam agentes culturais e sociais. No fim deste mesmo século, sucedeu a criação das escolas normais, outro fator importante que auxiliou a construção da imagem dos professores, o que resulta uma grande mudança sociológica entre essa categoria. A concepção de "Mestre" é substituída por "novo professor" de instrução primária. Com a origem da formação especializada das escolas normais está, "o desenvolvimento das técnicas e dos instrumentos pedagógicos, bem como a necessidade de assegurar a reprodução das normas e dos valores próprios da profissão docente" (NÓVOA, 1999, p. 16). As escolas normais também colaboram para criação de uma cultura profissional para os professores, por intermédio da socialização e coletivização de seus membros, a evolução dessa cultura é nomeada por Nóvoa de estatuto da ambiguidade.

> Fixa-se neste período uma imagem intermédia dos professores, que são vistos como indivíduos entre várias situações: não são burgueses, mas também não são povo; não devem ser intelectuais, mas têm de possuir um bom acervo de conhecimentos; não são notáveis locais, mas têm influência importante nas comunidades; devem manter relações com todos os grupos sociais, mas sem privilegiar nenhum deles; não podem ter uma vida miserável, mas devem evitar toda a ostentação; não exercem o seu trabalho com independência, mas é útil que usufruam de alguma autonomia; etc (NÓVOA, 1999, p. 18).

Para Albino (2015, p.21) é importante continuar a evidenciar a voz docente, a partir dos fluxos locais sem perder de vista a configuração das diretrizes políticas nacionais, nesse caso específico de como vão significar a autonomia como prática no interior das escolas. Ela considera esse discurso ambivalente e histórico, algo que necessite ser aprofundado em termos de análise, pois é perceptível essa contínua de desautorização da docência como profissão.

Esse estatuto comprova que o professor está entre as profissões e grupos profissionais e sociais, como intermediador, servindo como preparador cultural e político, porém, sem um lugar garantido no interior do desenvolvimento da sociedade. A profissionalização docente passa por diversas dificuldades em seu processo de reconhecimento da docência como profissão, Oliveira (2013, p. 8428) apresenta que essa dificuldade de reconhecimento transpassa do fato que no decorrer da história brasileira a educação passa por muitas fases e significados.

> Por vezes [a educação] serviu para cultivar as coisas do espírito, outras vezes, alimentou os interesses de ascensão da elite, depois foi "democratizada" para atender aos interesses do Capitalismo Industrial, e atualmente atende aos interesses de uma economia globalizada regulada pelo Mercado.

O autor ainda complementa, que dentre a rede de interesses da história da educação está a figura do professor.

> Nesse quadro, é extremamente difícil enxergar a profissão docente com autonomia. A profissão docente tem passado por um processo de proletarização, ao longo da história da educação brasileira, visto que a expansão escolar recrutou uma massa de profissionais sem as necessárias habilitações acadêmicas e pedagógicas. Desta forma, antagonicamente, assiste-se à degradação do estatuto, dos rendimentos e do poder/autonomia. A tendência à diminuição da autonomia profissional do professor é reforçada pelas políticas públicas que tendem a separar os atores que planejam dos que executam; isto é, quem elabora os currículos e programas e quem os concretiza pedagogicamente. Tal fato vem desde a educação jesuítica ao transplantar uma cultura intelectual "alienada e alienante". Junto a isso, mais recentemente, a qualidade do trabalho docente cede lugar à quantidade, devido à intensificação de tarefas administrativas que lhe são cobradas, perdendo-se assim competências coletivas importantes.(OLIVEIRA, 2013, p.8429).

Outro aspecto considerável a ser evidenciado, é que a docência surge com um ofício entendido como uma vocação, missão, um sacerdócio, sentido trazido desde época da educação jesuítica. Em um momento posterior ocorre a feminização trazendo ao magistério outra concepção, a de básica da função materna, simbolizada pela dedicação, cuidado, amor, paciência, todas essas características esperadas e aderidas às mulheres:

> [...] na forma de catequese – praticada pela igreja, fortalecendo os vínculos entre ação pedagógica e missão religiosa. Tal tradição aderiu à cultura do magistério, e, à medida que os quadros docentes foram se laicizando e feminizando, sedimentou-se uma visão social tendente a associar a docência com vocação, abnegação, submissão, etc. (Costa,1995, p. 122).

A Profissão docente historicamente foi correlacionada como uma "vocação", missão que precisaria ser mais importante que o retorno financeiro, influenciando o docente a cogitar que é um "dom", e que o mesmo nasceu para essa função. Os autores Bruschini e Amado examinam essa questão:

> Embora o encargo da mulher com a socialização infantil seja fruto da divisão sexual do trabalho, diferenças biológicas são invocadas para justificar esse fato como "natural" (…). Historicamente, o conceito de vocação foi aceito e expresso pelos próprios educadores e educadoras, que argumentavam que, como a escolha da carreira devia ser adequada à natureza feminina, atividades requerendo sentimento, dedicação, minúcia e paciência deveriam ser preferidas. Ligado à ideia de que as pessoas têm aptidões e tendências inatas para certas ocupações, o conceito de vocação foi um dos mecanismos mais eficientes para induzir as mulheres a escolher as profissões menos valorizadas socialmente. Influenciadas por essa ideologia, as mulheres desejam e escolhem essas ocupações, acreditando que o fazem por vocação; não é uma escolha em que se avaliam as possibilidades concretas de sucesso pessoal e profissional na carreira (BRUSCHINI; AMADO, 1988, p. 7).

O magistério é uma das primeiras atividades profissionais que chegaram as mulheres juntamente com a aprovação da sociedade. Costa (1995) salienta que existem dois caminhos

no processo de feminização, o primeiro estaria na inserção feminina ter se sucedido em função de um menor grau de profissionalização da profissão. Logo, “quanto menos profissionalizado é um campo, mais facilmente ele vai se feminizando” (p. 162). Sendo assim, mais os homens dele se afastam, pois “profissões feminizadas são mal remuneradas ou em decadência salarial”. (p. 162). O segundo, foi quando as mulheres ocupavam o lugar no magistério conforme os homens dele se distanciavam em busca de outras oportunidades de trabalho..

> Mais do que isso, as mulheres foram de certa forma impelidas para ele em função do argumento construído e reafirmado dentro da lógica do patriarcado, em sua versão moderna, de associação da tarefa educativa com a maternidade. (COSTA, 1995, p. 160)

Essas perspectivas da docência como vocação, ato de amor, missão e dedicação são representações que perseveram à ação do tempo, se fazendo presente no imaginário social, como por exemplo, em discursos ou em relatos de professores. Esse tipo de concepção gera um alerta, pois, indica um fenômeno negativo sobre os cenários que as dimensões pessoal e profissional do professor transcorrem no meio das relações sociais. Tais conceitos sobre a docência também fazem parte de seu imaginário, compondo sua subjetividade. Isso leva a uma justificativa muito usada entre os responsáveis pelas leis educacionais para argumentar a falta de conhecimento. Associando o trabalho do professor ao uma atuação celestial, que deve ser desempenhado por amor, sem intenção de pensar em retribuição social ou financeira. Como se o professor fosse um “devoto” que por consequência, seria obrigado a ter voto de pobreza e “castidade social”.

De acordo com o autor Miguel Arroyo (2000), essa ideia de vocação para o magistério não seria unicamente um resquício de uma visão religiosa que se conserva no imaginário e na autoimagem. Previamente, essa ideia poderia se fazer presente no próprio conceito de profissão, de professor, de profecia. E desse modo, portanto, procederia a certo descrédito, um empecilho de se conquistar o profissionalismo e uma valorização retribuída também financeiramente. Para o autor, o professor dificilmente consegue se livrar dessa imagem que foi construída historicamente.

> Por mais que tentemos apagar esse traço vocacional, de serviço e de ideal, a figura de professor, aquele que professa uma arte, uma técnica ou ciência, um conhecimento, continuará colada à idéia de profecia, professar ou abraçar doutrinas, modos de vida, ideais, amor, dedicação. Professar como um modo de ser. Vocação, profissão nos situam em campos semânticos tão próximos das representações sociais em que foram configurados culturalmente. São difíceis de apagar no imaginário social e pessoal sobre o ser professor, educador, docente (ARROYO, 2000, p. 33).

Neste sentido, cabe indagar, a docência é vocação ou profissão? É preciso que realize-se uma reflexão sobre, se o magistério fosse uma vocação levando em conta o sentido exclusivo, estaria ligado ao sentido da vida do sujeito, algo natural com disposição espontânea, como destino. Essa idealização de se referir a atuação docente como algo romantizado e vocacionado, de forma que seja aquele de tem uma missão a cumprir, atrelado a um ato divino ou heroico, faz com que aconteça uma dificuldade para tornar a prática docente produtiva. A escolha para torna-se professor é uma construção e não pode ser considerada meramente como uma vocação individual em um progresso linear e sucessivo, pois, nos remete a ideia que só poderá ser professor somente "aquele que nasce professor" (SPRAN – GER,1958). Nitidamente, essa afirmação se torna incoerente quando nos referimos à profissionalização.

A docência se configura, como profissão, uma vez que consiste em um trabalho que só pode ser realizado com criteriosa formação especifica e especializada. Ele é um profissional do ensino porque possui o conhecimento sobre e de que maneira ensinar um indivíduo. É especifico seu trabalho por motivo que consiste na sistematização de saberes que se relacionam com à cultura erudita e não popular. É um oficio realizado com intencionalidade, com apropriação de conteúdos específicos que exigem formação especializada. Uma profissão complexa que reivindica um domínio dos campos técnicos e didáticos, além de tudo uma postura e questionamentos constantes sobre sua atuação. Roldão (2007, p. 101) defende o conhecimento profissional docente afirmando que sua especificidade corresponde na:

> [...] acção de ensinar, enquanto acção inteligente, fundada num domínio seguro de um saber. Esse saber emerge dos vários saberes formais e do saber experiencial, que uns e outros se aprofundam e questionam. Torna-se saber profissional docente quando e se o professor o recria mediante um processo mobilizador e transformativo em cada acto pedagógico, contextual, prático e singular. Nessa singularidade de cada situação o profissional tem de saber mobilizar todo o tipo de saber prévio que possui, transformando-o em fundamento do agir informado, que é o acto de ensinar enquanto construção de um processo de aprendizagem de outros e por outros – e, nesse sentido, arte e técnica, mas fundada em ciência. Dominar esse saber, que integra e mobiliza, operando a convergência que permite ajustá-lo a cada situação é, sim, alguma coisa de específico, que se afasta do mero domínio dos conteúdos, como da simples acção relacional e interpessoal.

2.2 Reconhecimento social e valorização profissional

A profissionalização docente e o prestígio dos professores têm se constituído em desafio permanente, as discussões em torno da valorização têm adquirido mais espaço nas últimas décadas, particularmente, por se tratar de um princípio constitucional que objetiva a

qualidade da educação. Esse ofício que nasceu com raízes na tradição do servir em meio às congregações religiosas, busca na atualidade, sua importância e reconhecimento de sua função na sociedade. Essa desvalorização social existente em torno dessa profissão, como indica Penin (2009ª, p. 2-3), não existia num período em que a sociedade vinculava a imagem do professor ao "saber", ou, como uma forma de "vocação", o que o concedia um *status* social. Segundo a autora:

> Nesse período [referindo-se à década de 1970], os professores que atendiam principalmente os segmentos mais ricos do país não tinham a sua competência questionada, havendo mesmo uma valorização social expressiva da profissão. A partir dos anos 90, concomitante ao processo de ampliação do acesso da população à educação básica, acompanhado de vários movimentos dos quais destaco a multiplicação de instituições formadoras, especialmente particulares, e de políticas de contenção dos salários dos professores das redes públicas, desenvolveu-se progressivamente o fenômeno da pauperização da profissão. Nesse período, também de forma progressiva, os profissionais e as instâncias governamentais começam a ser cobrados pelo que socialmente ficou reconhecido como um rebaixamento da qualidade da educação básica.

Durante a história, o professor era considerado uma figura relevante para formação da sociedade, entretanto, por vezes, esse profissional da educação não é visto com tal importância, o que vem causando um desapreço social e profissional. O (PNE) Plano Nacional de Educação, Lei 13005/2014, em uma das metas instaura a tentativa de equiparação salarial do professor com os demais profissionais que disponham do mesmo nível de formação, uma vez que esse chega a ser até 35% menor. As perdas salariais, relacionadas ao desprestígio que a profissão docente sofre, são abordadas por Ludke e Boing (2004, p. 1168).

> É sempre chocante a comparação de nossa situação com o que acontece em outros países, onde, além de mais dignos, os salários dos professores não apresentam a disparidade entre os níveis de ensino e as regiões do país, como acontece aqui.

Quando analisamos ou pensamos em valorização docente, nos dirigimos à questão financeira, porém, é preciso compreender que existem três formas de valorização: a salarial, a social e a profissional e que cada uma dessas possuem suas características e importância. A valorização salarial é a mais discutida, e talvez vista como única, pois, há um maior número de vezes que ocorrem lutas em prol da reivindicação dos direitos dos professores para não se perder direitos salariais.

Sobre a remuneração salarial, Pinto (2009, p. 60), conclui que: "não existe valorização de uma profissão sem salários atraentes, que estimulem os melhores alunos do ensino médio a optar pela carreira". Esse pensamento nos leva a concluir de forma direta o quanto que a remuneração é essencial enquanto fator importante de valorização do professor. Sem salários

atrativos não há ingresso, nem permanência nos sistemas, que consequentemente não existirá reconhecimento social da carreira.

Ainda assim, essa não é a principal razão pelo qual essa classe precisa lutar, há muito a ser melhorado, como por exemplo, a questão social, que nos remete como que a sociedade está enxergando o professor e como esse profissional está atuando na sociedade, levando em consideração suas implicações no meio educacional e seus significados para as transformações que a Educação e as escolas públicas necessitam na procura de uma sociedade justa e igualitária.

De acordo com Souza (2011), em 1985 com o fim do governo militar e a abertura democrática no país, houveram evoluções na valorização docente, ao menos do ponto de vista jurídico. A Constituição de 1988, em seu artigo 206, inciso V e VIII, exibem elementos de valorização docente:

> V- valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, com ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, aos das redes públicas; (...) VIII - piso salarial profissional nacional para os profissionais da educação escolar pública, nos termos de lei federal (BRASIL, 1999).

A Lei n° 9.394/96, conhecida como a (LDB) Lei de Diretrizes da Educação em seu artigo 67, ratifica os dados demonstrados pela Constituição Federal no sentido de possibilitar a valorização dos profissionais da educação:

> Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público:
>
> I - ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos;
>
> I - aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim;
>
> III - piso salarial profissional;
>
> IV - progressão funcional baseada na titulação ou habilitação, e na avaliação do desempenho;
>
> V - período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho;
>
> VI - condições adequadas de trabalho. (BRASIL, LDB. Lei n° 9394/96).

Ainda que ocorresse a criação da LDB, que decorreu em mudanças consideráveis para o sistema de ensino, é perceptível uma grande manifestação do movimento docente na luta pela autonomia. Em contrapartida, às reivindicações de momentos anteriores ainda fazem

parte de temas discutidos no atual contexto educacional. Como é visto na educação pública, trazendo consigo uma realidade que precisa ser notada e discutida, com docentes mal remunerados, sobrecarregados, desprestigiados socialmente, desvalorizados, muitos deles com algumas lacunas na sua formação profissional.

Tudo isso, é evidente na atual realidade dos profissionais da educação do Brasil, de modo, que fica explícito que as manifestações docentes ao longo da história vêm indicando as péssimas condições de trabalho, que é consequência das políticas neoliberais e neoconservadoras impostas pela ação governamental. O que nos faz perceber que essa condição é histórica e que os professores como sujeitos históricos não estão sendo valorizados, visto que, havendo o empecilho de exercer sua autonomia esses não são reconhecidos como autores de sua própria história, designando uma profissão historicamente reprimida.

> Urge por isso (re)encontrar espaços de interacção entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriar-se dos seus processos de e dar-lhes um sentido no quadro das suas histórias de vida. (NÓVOA, 1995, p. 25)

A Lei n° 9.394/96, aprovada em 20 de Dezembro de 1996 conhecida como a (LDB) Lei de Diretrizes da Educação, sendo considerada a atual e maior lei da educação brasileira, descreve sobre a valorização docente, está assegurada na lei precisamente em seu artigo 67, em que ratifica os dados demonstrados pela Constituição Federal no sentido de possibilitar a valorização dos profissionais da educação estipulando que determina que os sistemas de ensinos federal, estadual e municipal promovam a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, até mesmo nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público.

No que se refere ao trabalho docente e sua formação, valorização e planos de carreira do magistério público, em seu título VI da Lei de Diretrizes e Bases “Dos Profissionais da Educação”, diz respeito a todos os profissionais da educação básica, salientando sobre os vários aspectos que discorrem da formação à valorização docente, expostos principalmente nos Art. 62 e 67 da LDB.

A LDB (9.394/96) em seu Art. 32 expõe que a formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cincos primeiros anos do Ensino

Fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal. Por essa razão, a formação dos profissionais da educação atribui um papel de muita importância no contexto educacional, e essa, necessita corresponder com o que condiz a lei, para que assim seja fornecida uma educação básica de qualidade com profissionais habilitados.

Com base no que foi exposto, o que nota-se é uma valorização que reconhece e legitima o aperfeiçoamento profissional, que proporcione boas condições de trabalho, um bom piso salarial, bem como outros direitos assegurados aos professores por meio da LDB, que promovem um considerável significado em proporcionar o bem estar docente, pois, através desses, é que podemos visualizar sua valorização. Entretanto, a realidade e necessidades reais desses profissionais nos revela um contexto totalmente diferente uma vez que, nem sempre o que está proposto na lei é efetivado.

Segundo Carneiro (2003), sobre a valorização dos professores no que se relaciona às condições de trabalho, o autor afirma que em grande parte das escolas brasileiras, sejam elas privadas ou públicas, não concedem condições adequadas de trabalho docente. Contudo, observamos que no Brasil essas vertentes como a valorização salarial, formação contínua, condições de trabalho, são legalmente regulamentadas por meio da LDB, ainda sim, o que falta é a implantação real desse arcabouço legal, levando em conta que nem sempre funciona como é esperado, o que é resultado dos meios políticos e burocráticos revertendo-se em indignação aos profissionais da educação, que lutam por mudanças nesse quadro socioeducacional.

O trabalho docente nas representações sociais conforme Arroyo (2011), persevera entre a profissão docente uma enraizada visão inferiorizada dos profissionais e da própria educação básica. Pois no país algumas imagens atribuídas ao universo docente são produzidas e muitas vezes distorcidas, ressignificando o trabalho desses profissionais, fazendo com que haja valores a representações historicamente discriminadas. O que torna esse trabalho claramente desvalorizado, quando esse, é comparado a essas reproduções, estigmas e rótulos que acabam por limitar o seu trabalho.

Outro ponto pertinente é o fato que a categoria docente compartilha de um sistema que não os valoriza, além de existir uma desunião e uma hierarquia entre essa classe. Arroyo (2000) na obra “Ofício de mestre: imagens e auto- imagens” retrata justamente essa visão fragmentada que existe na profissão docente. Para ele, todos são professores, apesar disso ele

afirma que há hierarquias, que os classificam em níveis, graus e imagens, desigualdade de salário, carreira, titulação e até prestígio social. De acordo com o mesmo autor, ele aponta que os professores não são correlacionados apenas como docentes da educação infantil, do fundamental ou do ensino médio, pois são vistos de forma diferente, do mesmo jeito que visualizam o magistério com características distintas. No mesmo sentido, como nos mostra o Barretto (2010, p. 295):

> A diferenciação instituída entre a representação do trabalho da "professora primária", polivalente, e o do "professor secundário", especialista nas disciplinas, [...] pode ser constatada tanto na estrutura curricular dos cursos de licenciatura, como nas carreiras, nos salários e nas representações da sociedade, da academia e dos formuladores das políticas, apesar das inúmeras reformas educacionais, da elevação da formação em nível superior para todos os docentes e do fato de que a maioria dos professores dá aula no mesmo nível de ensino.

Então, constata-se que a profissão docente dispõe de uma carência de investimentos e uma urgência na valorização, algumas razões como, os fatores políticos, sociais, organizacionais e históricos são causadores da precarização desta profissão, o que leva a esses profissionais a responder pelas exigências que intermediam sua formação ou função, o que faz com que nasça entre os professores um sentimento de desqualificação e de desvalorização (OLIVEIRA, 2004). Assim, nesse sentido, compreende-se a valorização como:

> Um princípio constitucional que se efetiva por meio de um mecanismo legal chamado carreira, que se desenvolve por meio de três elementos, sendo: a) formação, b) condições de trabalho e c) remuneração, tendo como objetivos a qualidade da educação e a qualidade de vida do trabalhador. (GROCHOSKA, 2015, p. 28). A valorização do professor é o princípio para se chegar a dois objetivos: o primeiro, a qualidade da educação nacional, e o segundo, a qualidade de vida do trabalhador. Esses dois objetivos são necessários para que o professor possa produzir a sua vida, a escola e sua profissão. (NÓVOA, 1995).

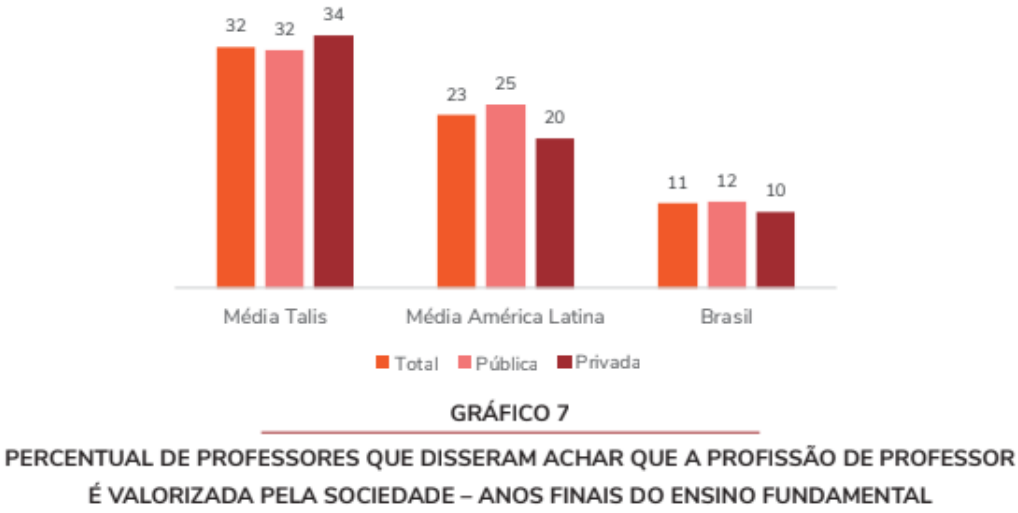
A valorização social desses profissionais carrega um status negativo, mudar essa realidade acaba por ser uma questão de dignidade para o professor, considerando que viver a realidade no "chão" das escolas públicas é um grande desafio que pode marca a vida dessas profissionais, enfrentar essa realidade e permanecer na sala se torna fator de resistência contra o sistema, visto que:

> [...] atuar em outros cargos do sistema de ensino, como a coordenação pedagógica, a direção e a supervisão escolar, também melhor remunerados que a docência e, normalmente, com maior reconhecimento e valorização social. (BARBOSA, 2012, p.4)

De acordo com a Pesquisa sobre o Ensino e Aprendizagem (Talis - Teaching and Learding International Survey), uma pesquisa que foi coordenada em âmbito internacional pela (OCDE) Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico. Implantada em 2008, com o objetivo de ser a primeira grande pesquisa internacional de larga escala, direcionada a professores e diretores de escolas. Os professores participantes da amostra brasileira foram constituídos pelas escolas com turmas dos anos finais do ensino fundamental ou do ensino médio em atividade, das escolas públicas e privadas. Havendo a participação de 48 países/economias dentre esses, o Brasil.

Essa pesquisa nos revela questões pertinentes sobre os desafios da profissão docente no contexto brasileiro, o que nos confirma tudo que foi exposto anteriormente. Em sua primeira parte a Talis 2018, no que se refere às percepções dos professores brasileiros sobre sua profissão e valorização o gráfico (figura 01) explana que:

Figura 01: Percepções dos professores sobre a profissão.

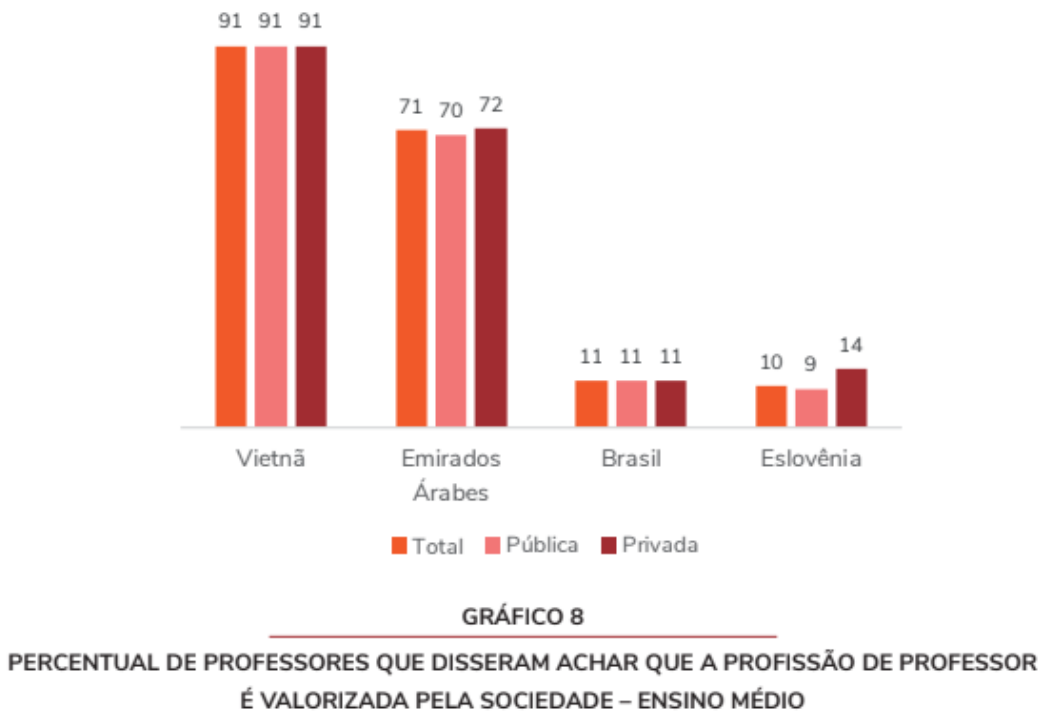


Fonte: Talis 2018, primeira parte.

No gráfico é notado que existe uma variação considerável nas percepções entre os países participantes quando lhes é perguntado sobre suas percepções quanto a valorização de sua profissão na sociedade. Embora se constate que a grande maioria tenha visto que há uma satisfação, no Brasil é visível que os professores dos anos finais do ensino fundamental percebem que sua profissão não é valorizada, o que é muito similar as percepções dos professores do ensino médio (figura 02), em torno de 89% afirmam que sua profissão é desvalorizada tantos nas escolas públicas como nas privadas. E só cerca de 10% dos professores dos anos finais do ensino fundamental que acreditam que sua profissão é

valorizada pela sociedade, independe da escola ser pública ou privada, estando abaixo da média Talis 2018 (32%) e da América Latina (23%).

Figura 02: Percepções dos professores sobre a profissão.



Fonte: Talis 2018, primeira parte.

Com base nos investimentos na educação, a Talis 2018 perguntou aos professores se acaso houvesse um aumento de 5%, quais áreas os professores dariam mais prioridade. É visto no gráfico abaixo (Figura 03), que os professores brasileiros participantes dos anos finais, do Ensino Fundamental, dariam prioridade de 95% no desenvolvimento profissional de alta qualidade para os professores, 93% a um aumento salarial e, 88% ao apoio aos alunos com necessidade especiais, os dados obtidos com relação aos professores do ensino médio foram semelhantes, resultando na maior média dentre os países participantes. Ao tornar visível a necessidade presente no contexto educacional brasileiro, que para ter uma educação de qualidade é necessário que seja priorizado os investimentos na educação.

Figura 03: Investimento em educação.

GRÁFICO 15

PERCENTUAL DE PROFESSORES QUE ELENCARAM SUAS PERCEPÇÕES SOBRE AS ÁREAS DE MAIOR PRIORIDADE PARA O INVESTIMENTO EM EDUCAÇÃO – ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Fonte: Talis 2018, primeira parte.

Na segunda parte da Talis 2018, no que diz respeito ao trabalho em múltiplas escolas, o gráfico abaixo (figura 04), revela a situação desses profissionais, em comparação com a América Latina.

Imagem 04: Trabalho em múltiplas escolas.

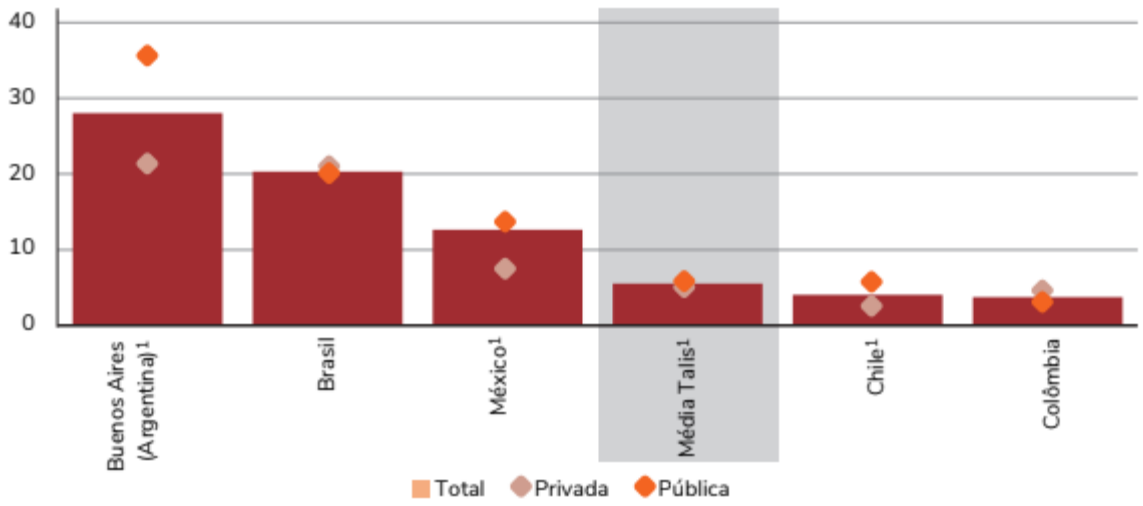


GRÁFICO 3

PERCENTUAL DE DOCENTES POR NÚMERO DE ESCOLAS EM QUE LECIONAM – ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Fonte: Talis 2018, segunda parte.

Enquanto a média da Talis é 5% dos professores que relatam trabalhar em mais de uma escola, o Brasil ultrapassa essa média com 20%, no qual 15% trabalham em duas escolas e 5% em mais de três escolas, não existindo diferenças entre aqueles que trabalham na rede pública ou privada.

Na mesma pesquisa, quando perguntado aos professores sobre sua satisfação com o salário, entre os países latinos- americanos a satisfação salarial dos professores brasileiros é a mais baixa. Em torno de 18% dos professores dos anos finais, do Ensino Fundamental do Brasil informaram satisfação com o seu salário, percentual notadamente abaixo da Média Talis (39%) e entre os mais baixos apresentados pelos países/economias participantes (figura 05).

Figura 05: Satisfação salarial.

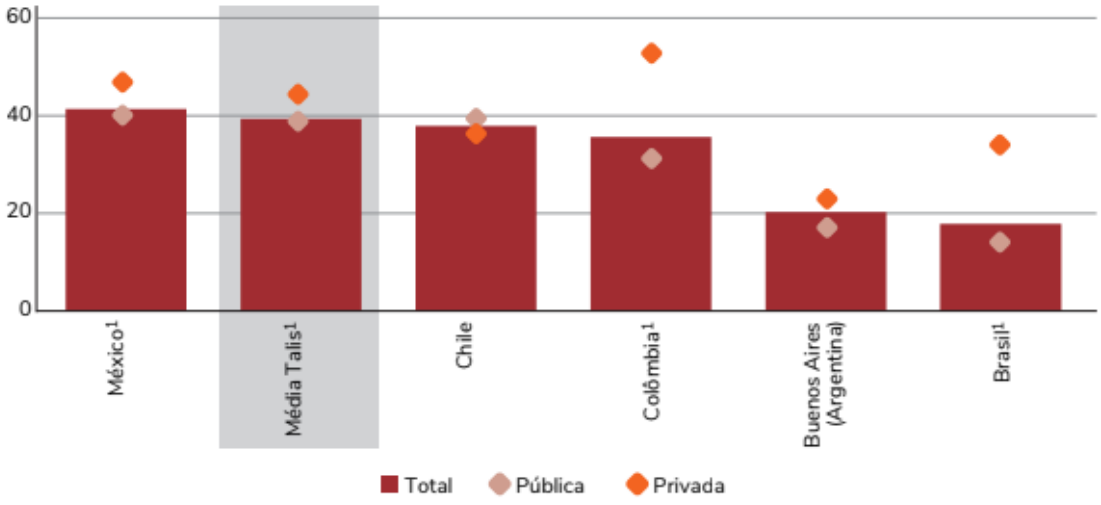


GRÁFICO 14

PERCENTUAL DE PROFESSORES QUE INFORMARAM CONCORDAR COM A AFIRMAÇÃO DE QUE ESTÃO SATISFEITOS COM O SALÁRIO QUE RECEBEM, POR REDE DE ENSINO – ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Fonte: Talis 2018, segunda parte.

Os dados mostram um pouco da projeção de percepção da docência, enquanto profissão que merece políticas que ensejem um outro processo de valorização e reconhecimento. A seguir, abordaremos as formas de compreensão profissional, a partir da filosofia freireana.

3 A DOCÊNCIA NA PERSPECTIVA FREIREANA

3.1 Docência na perspectiva freireana e tensões do contexto pandêmico

> *''A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa."*
>
> FREIRE, 1983b, p.104.

A docência para o educador Paulo Freire possui um papel muito importante no contexto social. A educação é um instrumento necessário para a transformação da sociedade e o docente um agente do processo. A perspectiva teórica freireana contribui na formação de um perfil docente como aquele que está focado na transformação social, entendendo a educação como um ato político (FREIRE,2013). A educação para o autor desdobra-se no sentido do inacabamento dos seres humanos, de modo que, transformar-se é uma necessidade que está inerente a eles na constante busca de se complementarem, pois em sua perspectiva sobre a educação, os seres humanos se educam entre si, mediatizados com o mundo, logo, com sua realidade.

O docente que é consciente de seu papel político-pedagógico tem, em Paulo Freire, uma epistemologia com foco em uma concepção de educação e de mundo que se envolvem com a educação popular, com os oprimidos, marginalizados, excluídos, na constante busca da capacidade de "ser mais" dos sujeitos, sempre tendo em vista a superação da situação de dominação de uma realidade injusta e desigual. Que na luta, na transformação, enxergam na educação um caminho e uma esperança. Ter esse compromisso com uma educação democrática e transformadora é o eixo principal para a docência na perspectiva freireana. É nesse sentido que, a educação estabelece nos sujeitos a capacidade de refletir a realidade na qual eles estão inseridos.

> Nota-se que o eixo central do pensamento de Paulo Freire é a educação-política, suas obras são dialógicas e versam em movimentos de anúncios e denúncias sobre a sociedade e a educação, logo, sua pedagogia é da resistência que preza pelas possibilidades de reinvenção de si, em contribuição com as transformações do(s) Outro(s) e do Mundo (SCOCUGLIA,2018).

É incontestável a importância da educação para uma sociedade, como afirma Freire (1979, p.84) em sua frase, a "Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo." Diante disso, nota-se o inestimável valor da educação para o desenvolvimento da humanidade e sociedade. Em consideração ao exposto, espera-se o

devido reconhecimento aos principais agentes dessa transformação, porém, a realidade nos revela um contexto totalmente inverso, a desvalorização do professor existe e não é de hoje, é um desafio histórico a ser superado especificamente no Brasil.

A classe do professorado carrega em sua etimologia uma carga que se estendeu ao longo dos anos pelo sacerdócio, pela associação de seu ofício como aquele que está correlacionado ao amor, nos remetendo a essa representação histórica e cultural, apresentando uma visão que liga o educador como servo/funcionário da igreja e seguidamente do estado. O que concerne em uma das principais formas de opressões que aderem a essa profissão, motivo maior pelo qual esses profissionais descobrem e buscam se manifestar e lutar em prol de seus direitos.

A docência, mesmo não sendo compreendida como exercício profissional, em uma sociedade que não a reconhece assim, que é vista como e pode ser entendida como mãe de todas as profissões. A categoria docente se inclui como classe oprimida, sobretudo aqueles que atuam no ensino básico da rede pública, pois, se encaixam nos conceitos de opressão e desumanização proferidos pelo pedagogo Paulo Freire. Não somente pela circunstância das péssimas condições salariais em paradoxo à ampla carga horária de trabalho dentro e fora da instituição, como também, pela "falta de voz" diante as políticas educacionais e a exploração de sua classe trabalhadora.

O silenciamento do docente, possivelmente, parte do poder que esses profissionais possuem, mesmo que para muitos seja de forma inconsciente. Suas vozes são omitidas por diversas formas, esse ressoar é temido, pois, despertam e abrem os olhos daqueles que estão imersos. Esses profissionais, segundo a compreensão de Paulo Freire, tem a possibilidade de formar indivíduos conhecedores de sua realidade e intelectualmente capazes de lutar pelos seus direitos.

Com base no conceito de humanização pronunciada pelo autor, como vocação ontológica do ser humano - o "ser mais", apontando o ser humano como aquele que é inacabado e inconcluso, que está sempre na busca incessante do seu processo de humanização, e em contrapartida ele nos mostra o oposto deste conceito, a desumanização, essa presente na história desses seres humanos. Nesse contexto, Freire afirma que, ao contrário dos animais que são "seres em si mesmos", os seres humanos são "seres para si". E que são desumanizados quando submetidos a processos que os tornem em "seres para o

outro" (FREIRE, 1969, p. 127). O autor defende a necessidade de ir à luta contra as forças que proferem essa desumanização:

> [...] Vocação negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores. Mas afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada. A desumanização, que não se verifica apenas nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do "ser mais". É distorção possível na história, mas não vocação histórica. Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como "seres para si", não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma "ordem" injusta que gera a violência dos opressores a esta, o 'ser menos' (FREIRE, 1987, p. 30).

No sentido de negar a vocação de "ser mais" dos professores, podemos entender essa situação nas realidades enfrentadas por eles, seus baixos salários em relação a sua carga horária de trabalho muitas vezes exaustiva, o que os privam de desfrutar uma vida tranquila confortável. O que os leva a necessidade de buscar mais de um trabalho em diferentes instituições, passando a aderir uma rotina cansativa, por trabalharem em mais de um turno com turmas com um grande número de alunos. As somas desses fatores resultam em uma acumulação de tarefas, que por consequência acabam por retirar desses profissionais a oportunidade de dedicar-se a sua vida pessoal, bem como, as outras atividades que são desempenhadas fora do ambiente escolar.

Esse profissional acaba por sentir-se cobrado, não tão somente pelos seus alunos como também pela própria sociedade, essa pressão se estende em outras pressões, como o baixo salário, a formação inadequada, a falta de esperança da e na docência. No entanto, é evidente que há uma inferiorização da imagem e papel do professor o que parece reduzir o real sentido de sua profissão, desfavorecendo o reconhecimento profissional dos professores perante as demais profissões. Quando se produz uma imagem negativa acerca dessa profissão, isso impossibilita cada vez mais o seu real reconhecimento. O que nos faz refletir que por mais que o professor se esforce para elevar seu currículo/formação, o simples fato de ser professor já está associado a uma visão inferiorizada em razão as demais profissões valorizadas no país. Freire argumenta sobre essa opressão sofrida pelos os docentes, embora seja em outro momento histórico, sua posição se torna ainda bem atual.

> [...] é urgente que superemos argumentos como este: 'podemos dar um aumento razoável aos procuradores, pensemos agora ao acaso, por que eles são apenas

> setenta. Já não podemos fazer o mesmo com as professoras. Elas são vinte mil', suponhamos. Não. Isto não é argumento. (FREIRE, 2013, p.151)

Conforme (FREIRE, 1987), os oprimidos são todos aqueles que vivenciam de diversas formas a violenta vocação de "ser menos", como distorção do ser mais. "Não haveria oprimidos, se não houvesse uma relação de violência que os coforma como violentados, numa situação objetiva de opressão" (FREIRE, 1987, p. 23). Então os oprimidos aceitam e se conformam com essa violência pela qual são tratados logo, os docentes precisam se identificar e se reconhecer como oprimidos, percebendo a desigualdade existente em sua profissão, sendo necessário que tomem consciência dessa condição que os oprimem, e se tornem agentes de mudança e assim busquem, pensem e lutem para transformar essa realidade. Dessa maneira Freire afirma, que "aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores" (2005, p. 33), ou seja, na medida em que os oprimidos se libertarem, não haverá mais opressores então logo, ambos se deparam livres.

Esta desumanização "coisifica" os homens, lutar pela humanização é se livrar-se desse estado que os tornam "coisas", para que essa desumanização seja interrompida, é preciso que os oprimidos passem pelo processo de conscientização, a fim de que se transformem em pessoas conscientes de si e de seu papel como sujeitos históricos no mundo. Como nos mostra o pensamento de Mendonça (2008, p. 27), "Freire considera a ideia de que o ser humano é um ser no mundo, que a sua existência social passa a ser reconhecida a partir do momento em que ele capta pela sua consciência crítica a própria realidade". Ao processo de tomada de consciência Freire nos mostra que:

> A conscientização é o processo pedagógico que busca dar ao ser humano uma oportunidade de descobrir-se através da reflexão sobre a sua existência. Ela consiste em inserir criticamente os seres humanos na ação transformadora da realidade, implicando, de um lado, no desvelamento da realidade opressora e, de outro, na ação sobre ela para modificá-la." (FREIRE, 2016, p. 17.)

Só os oprimidos então, são capazes de lutar em busca de sua humanização para transformá-la, percebendo-se como seres que fazem parte do mundo e tomando posse da realidade, e é só através desta tomada de consciência que a opressão pode ser superada. Diante disso, mesmo que compreendemos os professores como agentes transformadores, porque sua formação é exercida para desempenhar esta função, o que lhes dá a capacidade de lutar por uma educação libertadora cujo seu objetivo seja transformar realidade, é necessário que antes eles sejam capazes de lutar pela própria transformação. Conforme demonstra, Freire:

> Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca, pelo conhecimento e reconhecimento de lutar por ela. (FREIRE,2021.P. 43)

Segundo Nóvoa (1999, p.10), "É verdade que os professores estão presentes em todos os discursos sobre a educação". Por uma ou por outra razão, fala-se sempre deles. Mas muitas vezes está-lhes reservado o "lugar do morto". A valorização do professor é uma questão que pode ser até muito discutida no Brasil, várias manifestações e greves já foram realizadas em prol de melhorias a está classe, apesar de que, o cenário atual tenha contribuído e gerado certa "conscientização" principalmente aos pais que precisaram assumir algumas das responsabilidades do ser professor, na pandemia tiveram a percepção da sua importância que antes, poderia vim a ser invisível na sociedade, passaram a compreender que o professor não é apenas o profissional que passa conteúdos.

Essa época atípica e histórica de tempos pandêmicos que o capitalismo evidencia as desigualdades sociais, os profissionais da educação precisaram se reinventar a nova realidade e novas demandas acrescentadas pelo ensino remoto, abriram-se cortinas do cenário que já era antigo de opressões que "coisifica" e desumaniza essa classe trabalhadora e só hoje pôde ser notada de forma mais acentuada. Desafios que merecem atenção como, salários, quantidade de trabalho, vida social, condições físicas e psicológicas ainda são fatores preocupantes especificamente no quadro atual da educação.

Conforme a notícia publicada em 11 de Julho de 2022, no site da Confederação Nacional dos trabalhos em Educação (CNTE), Crise de ansiedade e depressão em professores é resultado da exploração de trabalho e da desvalorização do ensino. A professora da Universidade Estadual de Maringá, Dra. Marília Gonçalves Dias Facci afirma que, "Essas crises que os trabalhadores e trabalhadoras da educação enfrentam é resultado da exploração de trabalho e da desvalorização do ensino no país". Essa constatação já foi confirmada no estudo "Novas formas de trabalhar, novos modos de adoecer", em que foi realizado com 714 trabalhadores da educação. A professora também alega que existe muito professores e professoras afastados da sala de aula porque estão com dificuldades de trabalhar com alunos por conta dos adoecimentos, teve um acirramento da precarização do trabalho o que já vinha acontecendo anteriormente. Sobre os danos físicos e psicológicos ela retrata que: " Com a pandemia as condições de trabalho só pioraram porque o professor ou a professora teve que trabalhar por conta própria, utilizar os seus recursos e equipamentos,sua própria casa para dar aula."

Portanto, muitas são as maneiras que esses profissionais se caracterizam como oprimidos, definidos por (Freire, 1987) como aqueles vivenciam de várias formas a violenta vocação de "ser menos", como distorção do ser mais. Com a pandemia, o ensino, sobretudo o público passou por uma transformação do modo de ensinar, e os professores foram obrigados a se adaptarem, passando a utilizar as plataformas e meios digitais desprovidos de qualquer formação ou preparação para desempenharem o seu fazer pedagógico. É importante destacar, que o ensino remoto continuo com as responsabilidades do ensino presencial, suprindo as mesmas exigências, além de mais algumas outras que foram impostas. Essa nova realidade tem trazido resultados desgastantes ao físico e emocional que interferem na capacidade de trabalho do professor. Segundo a pesquisa do Instituto Península obtida com exclusividade pelo EXTRA e publicada em 15 de outubro de 2021, metade dos professores de educação básica do país está desmotivada (49%), sobrecarregada (55%), ansiosa (47%) e cansada (46%). O levantamento chamado "Desafios e Perspectivas da Educação: uma visão dos professores durante a pandemia" ouviu 2.500 docentes e gestores escolares de todas as etapas de ensino da educação básica "educação infantil, ensino fundamental e médio) das redes municipais, estaduais e privada na primeira quinzena de setembro de 2021.

Além da exploração do trabalho, uma realidade pouco discutida é a de que o professor no ensino remoto começou custear do seu próprio salário as ferramentas, materiais e recursos didático/pedagógicos que o ensino remoto exigia, como aparelhos modernos e com qualidade: celulares, computadores, internet, plataformas, instrumentos auxiliares e ainda um espaço físico em sua casa adaptados para uma possível "sala de aula". Então assim, eles passam a pagar para trabalhar. Isso tudo em um cenário muito difícil, em que os professores tiveram que aderir a novas formas de ensino e metodologias já que a sala de aula já não era a mesma, esta, com novas configurações advindas das tecnologias e das plataformas digitais e pouco se importou com as condições precárias de trabalho que os professores enfrentavam.

Alguns desses profissionais tiveram carga horária reduzidas diminuindo os seus salários, enquanto outros foram demitidos ou substituídos por servidores com salários ainda mais reduzidos, o que torna a categoria docente como irrelevante ou substituível. Tal encaminhamento também precariza o seu trabalho, mal do mundo capitalista, que transfigura a convicção de ser docente, a educação em tempos pandêmicos do Covid-19 evidencia um cenário de opressão, no qual os mais afetados são os professores (as), em que a educação se mercantiliza o que favorece o aumento da exploração do trabalho docente.

Os professores precisam e devem receber todo reconhecimento, barreiras precisam ser desconstruídas, é necessário que juntos eles lutem em busca de sua transformação/libertação. Que se pronunciem e se posicionem, tomem posse de sua palavra e o conhecimento dos seus direitos e deveres, se ninguém falar é como se o problema não existisse, mas ele existe. Conforme (FREIRE, 1987) "Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão." O autor em umas das suas obras faz críticas sobre os opressores à classe dominante que nega a palavra aos oprimidos, uma boa maneira de manter o domínio e submissão dos oprimidos fortalecendo a alienação e manipulação. No prefácio da obra do autor Paulo Freire, Pedagogia do oprimido escrito pelo professor Ernani Maria Fiori nos traz uma boa compreensão sobre o que foi exposto:

> Em regime de dominação de consciências, em que os que mais trabalham menos podem dizer a sua palavra e em que multidões imensas nem sequer tem condições para trabalhar, os dominadores mantêm o monopólio da palavra, com que mistificam, massificam e dominam. Nessa situação, os dominados, para dizerem a sua palavra, têm que lutar para tomá-la. Aprender a tomá-la dos que detêm e a recusam aos demais é um difícil, mas imprescindível aprendizado – é a pedagogia do oprimido".

A primeira iniciativa para mudança é reconhecer a existência de um problema independentemente da luta parecer difícil, pois, a transformação do amanhã se começa hoje, se reconhecer e sentir-se oprimido por essas circunstâncias sem buscar, refletir e se posicionar é acreditar e concordar com todo tipo de opressão que sofrem. Nesse processo pela busca de sua libertação Freire (1987) nos mostra que, pode surgir um sentimento de medo, que acaba impedindo os oprimidos de lutarem pela liberdade. Em seguida, elucida:

> O medo do oprimido, como indivíduo ou como classe, que o inibe de lutar. Mas o medo não é uma abstração, nem a razão de ser do medo tampouco. É muito concreto e causado por motivos concretos ou que aparecem como se fossem concretos, portanto, até prova em contrário, concretos também (FREIRE, 2008, p.125).

Os docentes precisam descobrir o seu poder como profissão e unidos caminharem para uma melhoria, a luta que o autor nos sugere é uma luta indignada e não armada em que temos que insistir e resistir. Freire (1987) enfatiza que os oprimidos devem acreditar em si mesmos para buscarem sua liberdade, uma vez que sem luta não terá a conquista, em virtude que tem a existência que uma classe que os oprime, que dificulta sua transformação, retendo-nos sob seu poder. Freire (2005), nos mostra que:

> Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua "convivência" com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental é que esta ação não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis. (FREIRE, 2005, p. 58).

É preciso que os professores se afirmem como categoria integralmente relevante para a sociedade, sua importância é imensa juntamente com o papel que desempenham, tomar essa consciência é refletir sobre esse espaço que lhes é roubado, o profissional do conhecimento é o professor que está ali no cotidiano da escola, sendo os mais apropriados para iniciarem uma luta engajada contra as formas de opressão que sofrem e ao mesmo tempo ser instrumento que desperta a consciência dos demais que também sofrem com essa condição. O seu lugar é de protagonismo. Sobre isso, Freire nos lembra:

> O que quero saber primeiro é se as professoras são importantes ou não são. Se seus salários são ou não são insuficientes. Se sua tarefa é ou não é indispensável. E é em torno disso que a luta, que é difícil e prolongada e que implica a impaciente paciência dos educadores e educadoras e a sabedoria política de suas lideranças, deve insistir. É importante brigarmos contra as tradições coloniais que nos acompanham. É indispensável pelejarmos em defesa da relevância de nossa tarefa, relevância que deve aos poucos, mas tão rapidamente quanto possível, fazer parte do conhecimento geral da sociedade, fazer parte do rol de seus conhecimentos óbvios. (FREIRE, 2013, p.151).

3.2 Politicidade

Além de um ato de conhecimento, a educação é também um ato político. É por isso que não há pedagogia neutra.

Freire, 1986.

O homem é tido como animal político conforme a frase de um dos maiores filósofos gregos Aristóteles, considerando-o o homem como um sujeito social que por natureza necessita fazer parte de uma coletividade, por essas razões, todas as atividades desenvolvidas em um espaço político serão sempre relações políticas o que nos leva a compreender que a educação também é um ato político de maneira que todo processo educativo auxilia na formação do homem, esses aptos de criar sua própria história individual como coletiva.

Na concepção de Paulo Freire, a educação não possui neutralidade, assim sendo algo intencional, a escola como esse espaço em que os profissionais desempenham seu trabalho exercendo uma ação intencional, acaba por refletir de maneira direta na formação humana e também na formação social, faz-se necessário que o educador tenha essa percepção de que a educação é um meio usado na sociedade para estabelecer crenças, valores, ideias e também interesses políticos, socializando e inserindo os sujeitos no espaço público, então se compreende a escola como esse um lugar carregado de ideologias que por vezes podem ser ocultas ou expostas.

> Não basta dizer que a educação é um ato político assim como não basta dizer que o ato político é também educativo. É preciso assumir realmente a politicidade da educação. Não posso pensar-me progressista se entendo o espaço escola como algo meio neutro, com pouco ou quase nada a ver com a luta de classe em que os alunos são vistos apenas aprendizes de certos objetos de conhecimento aos quais aprendizes de certos objetos de conhecimento aos quais empresto um poder mágico. (FREIRE, 2020 p. 55)

A educação no seu entendimento corresponde em uma prática inegavelmente política o que leva o conceito de politicidade estar presente em suas obras, Freire ressalta:

> A raiz mais profunda da politicidade da educação se acha na educabilidade mesma do ser humano, que se funda na sua natureza inacabada e da qual se tornou consciente. Inacabado e consciente de seu inacabamento, histórico, necessariamente o ser humano se faria um ser ético, um ser de opção, de decisão (FREIRE, 1996, p. 42)

A politicidade é um conceito existente na obra freireana, apresentada em verbete "Política" e "Politicidade" no dicionário Paulo Freire (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2015). A autora retrata que Freire elucida que os homens e mulheres se diferem dos animais pelo fato de estarem no/com o mundo, conscientes de sua inconclusão e de seu inacabamento, no qual a autora acentua como "a diferença profunda entre o ser condicionado e o determinado" (COSTA, 2015, p. 531), Freire fomenta que é nesse contexto que reside nossa condição política. Conforme a autora, a educação é um ato político, porque está a serviço de uns e não de outros e por essa razão a educação é vista como não neutra. Costa (2015) resume a perspectiva freirena quanto à politicidade:

> O ato da politicidade requer nossa assunção ao engajamento, sabendo-nos comprometidos com outro mundo possível, para potencializarmos e protagonizarmos cada vez mais que fazeres articulados por meio da participação e da democracia, na direção de uma vida mais bonita para todos e todas, pois é a partir desses pressupostos que romperemos com o fatalismo desesperançoso que pauta a sociedade capitalista e o de construir imperialista de nossa época. (COSTA, 2015, p. 534)

Freire defende que a policidade da educação, luta pela diminuição histórica dos sistemas de opressão, discriminação, do pluriculturalismo na busca contínua pelo multiculturalismo como projeto social inacabado (FREIRE, 1992). A politicidade é uma propensão humana que os capacita em pensar e se impor, com destino de ampliar sua autonomia de forma individual e no meio coletivo. A compreensão de política para Freire, não se restringe a questões partidárias, é um ideia mais abrangente que envolve a autonomia,

liberdade, diálogo, cidadania e o desenvolvimento da democracia que inclui o poder e a tomada de decisão.

3.3 Autonomia

> *"Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. É decidindo que se aprende a decidir."*
>
> Freire , 1996.

A autonomia para Paulo Freire é uma esfera essencial em meio as suas obras, sendo necessária na pratica educativa, no ato de educar. Sua proposta epistemológica dirigiu-se sempre a práxis, em todo seu trajeto como educador é clara sua inquietação na formação de sujeitos autônomos que de forma consciente possam relacionar-se com o mundo. Suas concepções metodológicas são em torno do diálogo, autonomia, saberes dos educandos e outros conhecimentos que visam uma educação libertadora.

Este conceito está presente em toda a sua pedagogia, sendo a mesma direcionada para a autonomia e emancipação humana. Em seu livro, *A pedagogia da Autonomia* (1996) ele transcorre sua importância e expressa o seu sentido como algo que deve ser inseparável dos educadores que se consideram progressistas, que assumem o papel político social de se comprometer-se com uma educação que formem sujeitos com pensamento critico e reflexivo.

Um dos alicerces para construção da autonomia expressa por Freire, é que o sujeito disponha da consciência de suas condições como sujeito no mundo, refletindo sobre sua própria condição de existência, e por meio dessa tomada de consciência seja capaz conseguir transformá-la, tornando sujeito presente da própria história e sociedade.

> a autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade (FREIRE, 2000, p.121).

Para o autor, a autonomia é libertar/desamarrar os seres humanos daquilo que determinam as suas ações como sujeitos no mundo, como o determinismo neoliberal, percebendo a história como uma fase de possibilidades e considerando a autonomia como circunstância essencial do sujeito, o que o torna "ser mais". A autonomia faz parte da ação e humanização que vai sendo construída historicamente, por meio das várias decisões que

vamos tomando ao longo da nossa existência. Segundo o autor, é com os pais que nasce os princípios da autonomia, seguidamente com a sociedade e depois com o papel do professor, que para ele é:

> contribuir positivamente para que o educando vá sendo o artífice de sua formação com a ajuda necessária do educador. Se trabalho com crianças, devo estar atento à difícil passagem ou caminhada da *heteronomia* para a *autonomia*, atento à responsabilidade de minha presença que tanto pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora da busca inquieta dos educandos (FREIRE, 2000, p.78).

A autonomia no que condizem as obras freireanas, é aquela que está correlacionada com o "ser para si", percebida no contexto histórico dos oprimidos no qual o autor associa a autonomia com a libertação. Distinta da heteronomia também vista nos oprimidos, que alienados passam ser "seres para o outro". Com base no seu pensamento sócio-politico-pedagógico a autonomia é uma condição sócio – histórica pertencente ao sujeito que tenha se libertado de toda forma que lhe oprime ou tudo quanto busque restringir ou queria suprimir e anular a sua liberdade, já que a liberdade na concepção freireana é um principio essencial para emancipação do homem. Nota-se que é evidente que a autonomia e o conceito de liberdade são inerentes, visto que, uma não pode existir sem a outra.

Portanto, como evidenciado, é possível entender conforme Paulo Freire, que todos os tipos de opressões correspondem como uma circunstância de heteronomia, tão vista no modelo de educação bancária. Ele defende uma educação com destino a libertação direcionando as pessoas a serem autônomas, denunciando realidades que buscam perpetuar essa heteronomia, uma educação transformadora dessa realidade que possibilite condições para que todos sejam "*seres para si*", formando sua autonomia. De acordo com a autora:

> A autonomia em Freire (2005, p. 108) está relacionada com a libertação e tem relação intrínseca com o que considera "ser para si". A consciência hospedeira do oprimido percorre um caminho estranho a si, trilhado pelos opressores. Para ele, "toda prescrição é a imposição da opção de uma consciência a outra", o que faz crer que as relações que se dão em espaços restritivos, autoritários e alienantes geram a heteronomia. (ALBINO, 2015, p.69).

A autonomia do no que se refere ao educando também parte da conscientização, de maneira que possuindo a consciência de si, será mais fácil ter a percepção do meio que se faz parte, combatendo toda forma de opressão. O educando que detém de sua autonomia ao se transformar-se também pode transformar sua realidade. Para Freire a educação é um instrumento democratizador e transformador da sociedade, assim, a educação deve promover a autonomia do sujeito, fazendo com que busque sua liberdade. A autonomia é discutida pelo

autor Evaldo Luis Pauly no verbete “Pedagogia da Autonomia” presente no Dicionário Paulo Freire como:

> Autonomia é compromisso ético que estabelece exigências para o educando e educador: dedicação e zelo pela vida acadêmica, a disposição de sempre buscar amadurecer e qualificar seus conhecimentos! A autonomia pressupõe uma concepção emancipatória de educação. (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, p. 540, 2015)

Ele também nos remete um ponto importante, o respeito à autonomia de ser do educando, destacando que é um dos saberes necessários à prática educativa, e essa como proporção exclusivamente humana, pois, não há como pensá-la sem reconhecer como sujeito inconcluso e ciente de sua inconclusão. Como também a conquista da autonomia critica do educando revelando que, “ o trabalho de construção de autonomia é o trabalho do professor com os alunos e não do professor consigo mesmo.” (FREIRE, 1996, p. 71).

4 O CANAL VOZ DOCENTE

O canal “Voz Docente: anúncio e denúncia,” é um canal virtual ativo que funciona nas plataformas digitais *YouTube e* Instagram. Foi criado no início mês de maio do ano de 2021 como ato celebratório do centenário do pedagogo Paulo Freire. Nasce como experiência extensionista do projeto “Base Nacional Comum Curricular: significações em torno da autonomia docente” vinculado ao Programa de Apoio às Licenciaturas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus II – Areia.

O canal trata de pesquisas com o foco no discurso docente, com parceria ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Curriculares – GEPPC, sobre a coordenação da professora Ângela Albino. A experiência extensionista busca evidenciar e legitimar constantemente a voz do(a) professor(a), especificamente aqueles atuantes na Educação Básica nas suas demandas políticas existenciais, procurando romper os desafios existentes em torno dessa profissão.

Seu objetivo é anunciar e denunciar os enredos de trabalho dos(as) professores(as) da Educação Básica, contando com relatos orais, cartas e gravações. O canal “Voz Docente” é um instrumento permanente de divulgação das realidades dos professores através das bonitezas e dos desafios vividos pelos docentes da Educação Básica. Tem a inspiração freireana da denúncia e do anúncio que provém do esperançar poético, ético e estético da ação política do educador no mundo.

O canal “Voz Docente” é um espaço que legitimiza a voz do professor(a), tendo em vista que suas vozes são tantas vezes silenciadas, é um espaço que valoriza a profissão do professor, e retrata o professor da educação básica como principal protagonista que contribui para o restabelecimento de sua autonomia. É um meio de partilha de experiências e conhecimentos, que exibe a realidade educativa, entre seus demais espectadores. Em sua maioria, são professores, alunos de licenciatura e interessados na temática, de várias localidades e realidades diferentes compartilhando as bonitezas e desafios vividos no “chão da escola”. É um canal aberto com inscrição e participação realizado de forma permanente por plataformas digitais.

Os depoimentos dos(as) educadores(as) são exibidos em forma de *lives temáticas* transmitidas no canal contando com a participação de professores. Ao longo das transmissões das *Lives* do ano de 2021 o canal contou com a participação de vozes de educadores da educação básica com formação no curso de pedagogia e outras licenciaturas com tempo de atuação entre 10 a 25 anos na área da educação juntamente com espectadores de diversas regiões do território nacional.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa quanto aos objetivos se caracteriza como bibliográfica e descritiva analítica do movimento de resistência política na criação de espaços virtuais de anúncio e denúncia sobre a vida docente, qual seja um canal de interação sobre a profissão de professor. Uma pesquisa descritivo-analítica é para Prodanov e Freitas (2013,p. 52), aquela que:

> [...] observa, registra, analisa e ordena dados, sem manipulá-los, isto é, sem interferência do pesquisador. Procura descobrir a frequência com que um fato ocorre, sua natureza, suas características, causas, relações com outros fatos. Assim, para coletar tais dados, utiliza-se de técnicas específicas, dentre as quais se destacam a entrevista, o formulário, o questionário, o teste e a observação.

É classificada como bibliográfica, pois, analisa materiais já publicados, como livros, artigos, periódicos, internet, etc. Conforme Lakatos e Marconi (2003, p. 183): “[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”. Pesquisa bibliográfica segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 54 e 57), seguem as seguintes definições:

> Pesquisa bibliográfica: quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Em relação aos dados coletados na internet, devemos atentar à confiabilidade e fidelidade das fontes consultadas eletronicamente. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar.

A pesquisa foi desenvolvida a partir da análise no canal virtual "Voz Docente", na plataforma virtual no *Youtube,* na qual foram analisadas as vozes dos professores das *lives* disponibilizadas no canal. Assim, os sujeitos da pesquisa são as vozes dos professores participantes das *lives* que aconteceram no canal no ano de 2021.

O canal transmitiu no total de seis (06) *lives* que aconteceram no decorrer do ano, dessas, foram selecionadas cinco (05), o que contabiliza em nove (09) participantes correspondendo à quantidade de uma (01) carta, um (01) depoimento e seis (06) vozes dos professores protagonistas das *lives,* são elas: a voz da professora da educação básica da *live* de inauguração, a voz do professor participante e a carta que foi lida nesse mesmo momento, ambos da segunda *live* – "*Cotidiano pandêmico",* as vozes dos professores da terceira *live* - *"Anúncio e denúncia"*, a voz da professora da quarta *live* - "*As expectativas do retorno ás aula presencias*", e a voz que protagonizou a sexta *live – "Saúde Mental docente no contexto da pandemia e trabalho remoto" ,* todas exibidas no canal.

Para a análise e desenvolvimento da pesquisa, foram necessário à busca bibliográfica dos conceitos do educador Paulo Freire, por meio das leituras e discussões de seus livros, especificamente as suas obras: "*Pedagogia do Oprimido", "Pedagogia da autonomia",* "*Conscientização", "Professora, sim, tia não" – "Cartas a quem ousa ensinar", "Pedagogia da esperança"* e *"Educação como prática da liberdade"*, como outros autores que auxiliaram na compreensão e aprofundamento das ideias e sentidos do autor Paulo Freire.

Por razões éticas, os nomes dos professores participantes serão identificados por meio de nomes fictícios. Os sujeitos passaram a serem representados por nomes de cores, tais como: Magenta, Azul da Prússia, Carmim, Violeta Cobalto, Marrom Van Dyck, Laca Orquídea, Amarelo Ocre, vermelho de Cádmio e Azul Turquesa.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A apresentação dos resultados e as discussões sucederão a partir da análise das vozes dos docentes descritas nos quadros abaixo. Serão discutidas por meio dos conceitos de intensificação, precarização, uberização e youtuberização do trabalho docente, estes, correlacionados com os conceitos de opressão e conscientização proferidos pelo autor Paulo Freire.

Quadro 01: Silenciamento/ Representação Docente.

PROFESSORES	**VOZES**
Magenta	*"Vou destacar essa palavra silêncio, tantas vezes nós somos silenciados, tantas vezes a nossa voz ela é esquecida, para quem está agora na base movendo o ensino remoto sabe do que eu estou falando, em nenhum momento nós fomos convidados e convidadas para contribuir, participar ou sugerir como é que nós faríamos ou deveríamos fazer o ensino remoto."* "*[...] Precisamos movimentar a palavra, e esse canal é esse espaço de movimento de palavra, e Carlos Rodrigues Brandão nos diz que precisamos redizer o mundo, e nesse espaço nós poderemos construir algumas narrativas. Então por isso, pra gente é tão importante ter um espaço onde possamos ter voz, em detrimento ao silêncio que tantas vezes nos é imposto."*
Azul da Prússia	*"O sentimento de pertencimento faz a diferença nos cotidianos das escolas."* *"O sentimento de pertencimento é muito importante, quando você se sente pertencente àquele espaço, quando você se sente integrado naquele espaço, você quer estar lá, você se sente bem, que contribuir, se sente parte da comunidade, isso pra mim dialoga com os valores democráticos que acredito."*
Amarelo Ocre	***"****No município estamos com a discussão do protocolo de segurança, esse protocolo está sendo construído por um conselho, esse conselho é formado por diversos representantes dos setores da educação, eles se reúnem cotidianamente, no entanto, as discussões realizadas nesse grupo no conselho, elas não chegam a todos os membros a todo o professorado isso causa um mal-estar, uma insegurança, medo. Eles não sabem como está sendo pensado o retorno deles, eles não estão*

	sendo convidados a participar." *"Muitos falam sobre a educação, é interessante quando passa nos jornais, especialistas irão falar sobre educação, aí você pensa que quem vai estar lá é o professor, quando na verdade não está o professor, está outras pessoas que não estão na sala de aula. É preciso ter essa escuta do professor, que não está tendo."*
Azul Turquesa	*[...] ''Quando falamos da educação, da família, dos especialistas e não se ouve os professores, essas pessoas que estão lá na sala de aula sendo os maiores protagonistas desse processo."*

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Conforme observado nas vozes destacadas no quadro 01, um ponto ressaltado é o silenciamento docente. É eminente salientar que esse silenciamento da classe docente insiste de outros momentos históricos e que infelizmente transpassa para o momento atual. Essa tentativa de calar, silenciar, esse dificultar, e a tentativa de mantê-los e adapta-los calados os definem como oprimidos no sentido freireano da palavra, reprimindo no que fere o seu movimento de autonomia e a potência de dizer a sua palavra. Pois, para Freire, "Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão." (2021, p. 108)

Paulo freire, foi um autor que elevava a importância de dizer a palavra, reconhecia nelas, sua potência transformadora no dizer e na transformação do mundo. No seu livro, *Pedagogia do Oprimido* (2021, p. 17) ele acentua que , "Com a palavra, o homem se faz homem. Ao dizer a sua palavra, pois, o homem assume conscientemente sua essencial condição humana." É com a palavra verdadeira que o diálogo permanece entre a ação e reflexão, a prática e a teoria, entre o anunciar e denunciar. Freire reconhece que:

> Nossa existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de poucas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo, Existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, pois sua vez, se volta *problematizado* aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo *pronunciar.*(FREIRE, 2021, p.108).

Com a pandemia advinda da propagação do vírus Covid- 19 que afetou toda população mundial, obstaculizando muitas profissões e causando dificuldades aos trabalhadores, especialmente aos professores, isso quando se determinou o fechamento e a abertura das escolas, quando foi "obrigado" estabelecer as aulas online sem impensadamente perguntar as

professores a sua opinião a respeito , ou ao menos se detinha de equipamentos qualificados para suprir esse novo conceito de aula, é nesse tocante que mais uma vez o protagonista da sala de aula é não ouvido como podemos observar no quadro acima.

Percebemos que esse silêncio é anunciador, uma tentativa de calar a voz daquele que é a chave de luta por intermédio do ensino, aqueles pelo qual despertam a tomada da consciência movendo o outro, colírio para os que tentam miopizar a exploração do homem pelo homem. É importante revelar a intencionalidade dessas atitudes, os professores já antes poucos foram ouvidos, e muito pouco se ouviu agora. A mudança para tentar mudar essa realidade só acontecerá por meio da tomada de consciência e descobrimento do real papel do professor na sociedade, desvinculando-se das correntes que insistem mantê-los em submissão, características essa da classe dominante e da interferência do capitalismo presente na economia.

Com a realidade pandêmica no Brasil, foi desvelado as desigualdades educacionais e sociais o que acaba por denunciar as táticas do poder opressor, destacando a classe marginalizada, os desfavorecidos ou, como bem cita Paulo Freire, "Os esfarrapados do mundo", que nessa realidade não dispuseram ao acesso a internet, de modo consequente, sem acesso a uma educação de qualidade, sem estímulos para desenvolver a sua criticidade, isso correspondentes aos estudantes que não foram apenas os afetados, os professores também não tiveram cenários dignos para o bom funcionamento do seu trabalho no âmbito virtual, sustentando as injustiças presentes na profissão docente e tão frisadas nesse trabalho.

No tocante das escolas públicas no Brasil, se faz necessário ouvir os professores, não tão somente só ouvir, como, é preciso lutar com eles por melhores condições de trabalho, que apesar de os calarem, ainda assim, resistem e continuam a desempenharem o seu papel substancial na educação brasileira, de maneira ainda primordial durante a pandemia. (FREIRE, 2005, p. 27) nos revela que, "Uma das formas de luta contra o desrespeito dos poderes públicos pela educação, de um lado, é a nossa recusa a transformar nossa atividade docente em puro bico, e de outro, a nossa rejeição a entendê-la e a exercê-la como prática afetiva de "tias e de tios".

Essa luta deve ser imediata, urgente, ainda mais nessa realidade, é nela que cresce a força da conscientização e as possíveis transformações para que se superem os discursos fatalistas de que "a realidade não pode ser mudada", como nos diz Freire (2021, p. 71). "Até o

momento em que os oprimidos não tomem consciência das razões de seu estado de opressão, “aceitam” fatalistamente a sua exploração”. Essa busca por libertação não é uma luta feita individualmente, pois, “ Não podemos esquecer que a libertação dos oprimidos é libertação de homens e não de “coisas”. Por isto, se não é autolibertação - ninguém se liberta sozinho --, também não é libertação feita de uns feita por outros.” (2021, p. 74). Uma das essenciais atitudes dos oprimidos para que haja essa superação das amarras que insistem a dominar/explorar, é reconstruir a sua condição humana do direito de dizer à palavra como principio constituinte de sua existência. Como reitera as palavras freireanas, não é com o antidiálogo que esse silêncio será rompido, mas sim com o diálogo que problematize seu próprio silêncio e suas causas.

Como é revelado nas vozes do quadro acima, quando foi estipulado o retorno das aulas, nos noticiários e nas mídias, era notada a presença de “especialistas” que decidiam sobre como deveria ser o retorno das aulas, mas, sem a presença das vozes dos professores nesse debate, tendo em vista que eles deviam ser considerados como peça chave para melhor reivindicar e se posicionar, pois, quem melhor que eles para falar sobre a sua realidade no “chão da escola”?O seu lugar de fala é substituído por outros profissionais que decidem protocolos, atividades pedagógicas, sem nunca viver a sala de aula de uma escola. Faz-se necessário essa escuta já que os profissionais da educação, é fundamental reforçar, foram parte dos primeiros a seguir as atividades remotas no país.

Quadro 02: Desafios / Sobrecarga de trabalho dos professores na pandemia.

PROFESSORES	**VOZES**
Magenta	*[...] “Nós professores da base e também do ensino superior sabemos muito bem quais os grandes desafios que nós estamos enfrentamos nesse ensino remoto.”*
Azul da Prússia	*“A gente se viu, por exemplo, obrigado a tocar nosso trabalho na escola a partir do ensino remoto e isso nos trouxe certos desafios, e é uma coisa que é muito importante de ser dita. Porque geralmente as pessoas acabam por ter um julgamento muito errado disso, pessoas diferentes passam por desafios de formas diferentes, eu não posso comparar a minha experiência com a de um professor um pouco mais velho, ou de outro estado.”*

	"E indo na contramão do que muitas pessoas acham, a gente não parou de trabalhar, a gente está trabalhando muito por sinal, a carga de trabalho aumentou, quantos colegas meus comentam que o trabalho começa quando eles ligam o celular e o WhatsApp essa fronteira que existia antes de que o celular era pessoal, essa barreira no WhatsApp se diluiu, foi difícil, está sendo difícil."
Carmim	"*Não tenho mais finais de semanas livres, desde que inicio a pandemia que meu trabalho triplicou, as cobranças são muitas e caminhamos sozinhas."*
Violeta Cobalto	*"Mesmo em meio a pandemia, em meio a todos os dissabores experienciados por mim e pela maioria dos professores eu acho, essa sobrecarga de trabalho, esse movimento que não tinha hora pra nada. Teve uma época, assim que começou mesmo a pandemia em que os meus colegas foram muitos solidários, profissionais assim que eu tenho orgulho de falar. Tinha muito disso, envios de materiais, trabalhar finais de semana , estudar para repassar o conteúdo que poderia ser trabalhado, e acompanhar os alunos com deficiência às vezes com de alta complexidade. (...)É possível fazer um acompanhamento remoto de um aluno? Olha é difícil mas, entre dizer que é impossível e dizer , estou buscando o oferecer o meu melhor, eu busquei oferecer o meu melhor."*
Amarelo Ocre	*" Um outro ponto que vem sendo discutido durante a pandemia, é que os professores ainda estão em casa, e não estão trabalhando, estão muito confortáveis. E que isso não condiz a realidade, nós professores estamos trabalhando incansavelmente, temos produzido vídeos, temos participado de lives, elaboramos textos e etc. o aluno devolve a atividade mandando uma foto no WhatsApp que demanda fazer o uso do WhatsAapp, que antes era uso pessoal e hoje passou a ser público. Demanda memória nos nossos computadores, celulares, então, o professor de modo algum e em um nenhum momento ele esteve sem trabalhar, além disso, eles tem que dá aulas síncronas e assíncronas, planejar, receber, corrigir, gravar e etc."* *"Então hoje, o professor não tem horário definido de trabalho, e para que ele fosse inserido nesse novo contexto de trabalho ele não teve formação em sua, graduação não existiu nada que nós tínhamos estudado sobre como dar aulas remotas em tempos de pandemia, então, nem isso não foi estudado na graduação e nem neste momento antes do início das aulas remotas."*

Vermelho Cádmio	*"Gostaria de aproveitar esse espaço para denunciar o abuso, o assédio moral que os professores andam sofrendo tanto na esfera municipal quanto estadual. São mensagens e chamadas em dias e horários inapropriados, assim como domingos, feriados, férias e tarde da noite. Eu não gostaria de me identificar publicamente ou nomear chefes que o fazem, mas tenho prints de conversas no WhatsAapp com horários e datas absurdos."*
Azul Turquesa	*"Muitos dos professores relataram as mudanças das diretrizes muito recorrentes, de inícios eles começam a dar aula de uma maneira em que os mesmos já estavam se acostumando e conseguindo, aí muda a diretriz e eles tem que aprender e se adaptar de novo na velocidade da luz. Então tudo isso gera um processo de exaustão de desgaste muito grande. Precisamos pensar sobre as demandas que se intensificaram, ou seja, a jornada de trabalho se tornou maior, mais intensa e isso gerou uma sobrecarga."* *[...] "Costumo dizer, que as escolas fecharam em março de 2020 mas, a educação nunca parou. Os professores eles sempre foram incansáveis mais agora estamos chegando nesse final de 2021 muito exaustos, por todo esse processo que foi passar esses dois anos."* *"Alguns relatos que chegam a mim, é sobre a sobrecarga de trabalho e a dificuldade de separar esse trabalho com a rotina dentro de casa, que é uma sensação como se eles estivessem sempre disponível para o seu trabalho, que não conseguem desligar porque nunca descansam, isso gera uma ansiedade muito grande. Outra questão, é como lidar com essas aulas remotas e conciliar as demandas de casa, da família, auxiliar também com as aulas de seus filhos, principalmente quando falamos de professoras."*

Fonte: Quadro elaborado pela autora – 2022.

Como declarado nas vozes do quadro 02, na pandemia o trabalho do professor aumentou, as árduas horas do trabalho docente se intensificaram nesse novo modelo de ensino, os docentes passaram a desempenhar funções além do que espera da sua jornada de trabalho normal, a carga horária triplicou, entretanto, esse trabalho não obteve um aumento no seu salário, o que aumentou foi à exaustão física e psicológica desses profissionais, esse alargamento das funções e esse aumento da produtividade corresponde a uma perspectiva capitalista de exploração da classe docente o que prejudica a qualidade da educação, como nos reitera os autores:

> [...] os professores desenvolvem seu trabalho sob uma estrutura organizacional que não foi por eles criada. Esta estrutura, no atual momento do capitalismo, é uma estrutura montada com a finalidade de fazer cada professor trabalhar no maior ritmo e duração possíveis, extraindo assim uma enorme produtividade do seu trabalho (NUNES; NUNES, 2013, p. 10)

A intensificação do trabalho docente é uma circunstância pertencente à realidade enfrentada pelos professores na pandemia. Os professores já possuíam uma rotina muito atarefada e com todas as mudanças advindas do contexto pandêmico essa nova realidade afetou diretamente o seu ofício, havendo o surgimento de novas exigências para o seu trabalho, acarretando uma dedicação maior de seu tempo á escola.

Como notado nas falas acima, a cada dia surgiam novas demandas para esses profissionais, no que se refere ao espaço dentro e fora da escola. É significativo certificarmos o conceito de intensificação do trabalho, bem como suas dimensões correlacionadas com o trabalho docente. O conceito de intensidade descrito por Dal Rosso (2008, p. 23) é definido como "o emprego das energias vitais do sujeito, em toda a dimensão desta expressão, compreendendo as potencialidades físicas, emocionais e intelectuais, conforme exigido para a realização de uma atividade, tarefa ou trabalho".

Em contraposição aos discursos no qual manifestam que os professores não estão trabalhando ou, que "não querem trabalhar", esses profissionais trabalharam e trabalham muito, se esforçaram e enfrentam muitos obstáculos para que de alguma maneira forneçam uma educação/aprendizagem da forma que lhes eram possíveis, tendo em vista, o enfrentamento da pandemia, momento esse, tão incerto para todas as pessoas. No que ressalva, Ludke e Boing (2007, p. 1.188), "as criticas externas ao sistema educacional cobram muito dos professores cada vez mais trabalho, como se a educação, sozinha, tivesse que resolver todos os problemas sociais".

A intensificação do trabalho docente foi ampliada nas precárias condições de trabalho, na vasta quantidade de tarefas e complexidade para que elas sejam realizadas, e nesse âmbito, foi requisitado um envolvimento, um esforço e uma dedicação maior, o que resulta em um gasto físico e intelectual dessa categoria consumindo não só o tempo, como a saúde física e emocional desses professores, definida pelos autores:

> É o esforço físico, intelectual ou emocional empregado para executar uma quantidade de trabalho em uma unidade de tempo [...] Refere-se ao grau de envolvimento humano investido e consequente gasto de energias do sujeito trabalhador na execução de uma atividade qualquer (DAL ROSSO in: CATTANI (org.), 2002, p. 327).

É pertinente compreendermos que o conceito de intensificação do trabalho é distinto do conceito de produtividade do trabalho. Barisi (2006) argumenta que a produtividade é caracterizada pela capacidade de um determinado trabalho, atribuído de uma intensidade definida, ou, seja, executar uma quantidade de valor de uso em um determinado tempo. Já a intensidade do trabalho, condiz com um gasto físico de energia, mental e psicológica de um trabalhador para desenvolvimento de uma atividade em um determinado tempo.

Com a leitura do quadro 02 é possível identificar claramente a intensificação do trabalho docente, quando detalham sobre como está sendo a execução do trabalho no ensino remoto, essa intensificação para (DAL, ROSSO, 2008, p. 22) denota o sentido de "trabalhar mais densamente, ou simplesmente trabalhar mais, (...) supõe um esforço maior, um empenho mais firme, um engajamento superior, um gasto de energias pessoais para dar conta do ***plus,*** em termos de carga adicional ou de tarefa mais complexas".

Esse acrescentamento na quantidade de tarefas a serem realizadas consumindo o tempo dos professores, esse intenso ritmo de trabalho, cobranças exteriores, regulamentações, são causadores de sentimentos prejudiciais à saúde desses profissionais, como, o cansaço físico e mental, a autocobrança, desencantamento pela profissão bem como a predominância de transtornos psíquicos. Essa realidade, "[...] teria levado [o professor] a ultrapassar ou a deixar de reconhecer o seu próprio limite". (ASSUNÇÂO; OLIVEIRA, 2009, p. 363).

O desgaste interposto à exploração do trabalhador são fatores que se aproximam ao sentido de intensificação do trabalho, essa exploração docente é vista no cotidiano de sua profissão, processos pelos quais desumanizam esses sujeitos, os professores não são maquinários de um sistema, são seres humanos que não se resumem apenas trabalho para seguir uma vida digna, eles necessitam de um tempo de descanso para melhor desempenharem suas atividades com mais eficiência e produtividade.

O termo exploração é discutido nos escritos de Paulo Freire, como uma forma de negar a vocação dos homens, negar a vocação de "ser mais", na exploração, na injustiça, na opressão, e na violência dos oprimidos. (FREIRE, 2021, p. 40) reitera que " reconhecer a desumanização, não apenas como viabilidade ontológica, mas como realidade histórica. É também, e talvez sobretudo, a partir deste dolorosa constatação , que os homens se perguntam sobre a outra viabilidade – a de sua humanização." Com base nisso, é necessário que os professores lutem por sua liberdade, pela restauração de sua humanidade roubada, pelo

trabalho livre, pelo o fim forças alienantes, e que se identifiquem, como “seres para si”, pois, “ a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos.”(FREIRE, 2021, p.41)..

Quadro 03: Precarização e enfrentamento da profissão.

PROFESSORES	**VOZES**
Azul da Prússia	*“Nesse contexto precário, falta de suporte da secretaria, uma estrutura para fazer as escolas funcionarem e vivenciarem sua autonomia. Sou favorável à autonomia escolar. Os professores desenvolveram para além de suas funções, foram à busca dos nossos alunos, iam às casas dos os estudantes.”*
Amarelo Ocre	*“Muitas vezes o professor está dando aula em sua sala de jantar dele porque ele não tem um espaço de estudo, os alunos quando abrem as câmeras estão na cama, na calçada, na cozinha enquanto a mãe cozinha eles estão assistindo aula, muitos relatam que divide o celular com dois três irmãos ou, que o celular que utiliza é o celular da mãe, e só realiza as tarefas quando a mãe chega do trabalho a noite.”* *“É preciso dar condições a professores e estudantes, isso poderia evitar a volta prematura das aulas.”* *“Grande parte dos professores já tinham dificuldades no enfrentamento da profissão agora, os desafios são maiores e mais acirrados. A incerteza do futuro dos professores ainda é maior. Nós não sabemos mais que escola vamos encontrar, e quais aparatos os sistemas de ensino vão nos oferecer de forma real e acessível a professores e estudantes? Os profissionais estão preparados para resolver essas situações? ”*
Azul Turquesa	*“A gente precisa pensar que estamos falando de uma classe, de uma categoria profissional que já vinha em uma precarização de trabalho, tanto das condições de trabalho, condições físicas do ambiente, tanto de questões macro sociais, de falta de investimentos de políticas públicas educacionais, estamos falando de uma categoria profissional que vem lutando há muito tempo pelos investimentos na carreira, na profissão que vem passando pelo um desprestígio. Como o parcelamento de salário, não sei a realidade de vocês, mas, aqui no sul acontece, e quando estamos falando de parcelamento de trabalho estamos falando de algo que vai direto na sobrevivência das*

	pessoas. Então, a gente já vem de contexto de muita luta e muito sofrimento associado ao trabalho." *"Os professores acabaram por ter que reorganizar essas aulas de contexto presenciais sem haver algum preparo."* *"Tudo cai no colo da escola e do professor, notamos que essa profissão desempenha várias funções, diversos papéis. Tudo isso agravou a precarização dessa profissão."*
Violeta Cobalto	*"Mesmo em meio a pandemia, em meio a todos os dissabores experienciados por mim e pela maioria dos professores eu acho, essa sobrecarga de trabalho, esse movimento que não tinha hora pra nada. Teve uma época, assim que começou mesmo a pandemia em que os meus colegas foram muitos solidários, profissionais assim que eu tenho orgulho de falar. Tinha muito disso, envios de materiais, trabalhar finais de semana , estudar para repassar o conteúdo que poderia ser trabalhado, e acompanhar os alunos com deficiência às vezes com de alta complexidade* *[...] É possível fazer um acompanhamento remoto de um aluno? "Olha é difícil, mas, entre dizer que é impossível e dizer estou buscando o oferecer o meu melhor, eu busquei oferecer o meu melhor."*
Amarelo Ocre	*"Um outro ponto que vem sendo discutido durante a pandemia, é que os professores ainda estão em casa, e não estão trabalhando, estão muito confortáveis. E que isso não condiz a realidade, nós professores estamos trabalhando incansavelmente, temos produzido vídeos, temos participado de lives, elaboramos textos e etc. o aluno devolve a atividade mandando uma foto no WhatsApp que demanda fazer o uso do WhatsAapp, que antes era uso pessoal e hoje passou a ser público. Demanda memória nos nossos computadores, celulares, então, o professor de modo algum e em um nenhuma momento ele esteve sem trabalhar, além disso, eles tem que dá aulas síncronas e assíncronas, planejar, receber, corrigir, gravar e etc."* *"Então hoje, o professor não tem horário definido de trabalho, e para que ele fosse inserido nesse novo contexto de trabalho ele não teve formação em sua, graduação não existiu nada que nós tínhamos estudado sobre como dar aulas remotas em tempos de pandemia, então, nem isso não foi estudado na graduação e nem neste momento antes do início das aulas remotas."*

Vermelho Cádmio	*"Gostaria de aproveitar esse espaço para denunciar o abuso, o assédio moral que os professores andam sofrendo tanto na esfera municipal quanto estadual. São mensagens e chamadas em dias e horários inapropriados, assim como domingos, feriados, férias e tarde da noite. Eu não gostaria de me identificar publicamente ou nomear chefes que o fazem, mas tenho prints de conversas no WhatsAapp com horários e datas absurdos. Não temos mais direito ao descanso ou momento para desconectar do trabalho e isso vem sendo constante e causando ansiedade e depressão em muitas colegas."*
Azul Turquesa	*"Muitos dos professores relataram as mudanças das diretrizes muito recorrentes, de inícios eles começam a dar aula de uma maneira em que os mesmos já estavam se acostumando e conseguindo, aí muda a diretriz e eles tem que aprender e se adaptar de novo na velocidade da luz. Então tudo isso gera um processo de exaustão de desgaste muito grande. Precisamos pensar sobre as demandas que se intensificaram, ou seja, a jornada de trabalho se tornou maior, mais intensa e isso gerou uma sobrecarga."* *[...] "Costumo dizer, que as escolas fecharam em março de 2020 mas, a educação nunca parou. Os professores eles sempre foram incansáveis mais agora estamos chegando nesse final de 2021 muito exaustos, por todo esse processo que foi passar esses dois anos."* *"Alguns relatos que chegam a mim, é sobre a sobrecarga de trabalho e a dificuldade de separar esse trabalho com a rotina dentro de casa, que é uma sensação como se eles estivessem sempre disponível para o seu trabalho, que não conseguem desligar porque nunca descansam, isso gera uma ansiedade muito grande. Outra questão, é como lidar com essas aulas remotas e conciliar as demandas de casa, da família, auxiliar também com as aulas de seus filhos, principalmente quando falamos de professoras."*

Fonte: Quadro elaborado pela autora – 2022.

Com a inserção da propagação do vírus COVID – 19 e a mudança do cenário advindo de uma realidade pandêmica, muitos desafios acabaram por surgir no contexto social dos sujeitos, o que diretamente afeta a educação, essa sofrendo grandes impactos. Muitos dilemas foram vivenciados pelos professores o que realçou a precarização do trabalho dessa categoria na educação básica.

A precarização do trabalho docente é consequência da desvalorização da educação brasileira, alcançando principalmente as escolas públicas, a pandemia com a implementação

do “ensino remoto” acentuou ainda mais as desigualdades sociais de maneira gritante, e no tocante ao trabalho dos professores esse demonstrou passar por situações precárias, o ensino precisou ser adaptado para melhor abarcar o modelo remoto, de modo que novas tecnologias e as plataformas digitais substituíram a sala de aula, e pouco se questionaram sobre o enfretamento dessas condições precárias do trabalho desses profissionais.

Essa nova dinâmica do ensino, essa transição do trabalho presencial para o virtual, transformou a profissão do professor, eles se viam em uma realidade em que precisaram aderir às tecnologias como ferramentas indispensáveis. Esse processo de mudança do ensino presencial para o ensino on-line recebem dois termos que expressam a precarização dessa categoria, são eles, a *Uberização* a *Youtuberização* do trabalho. Segundo (Silva, 2020), a *uberização* “baseia-se no trabalho intermitente, no qual o professor é remunerado por horas trabalhadas, como é o caso dos professores eventuais que são convocados para o trabalho mediante oferta de vaga.” A autora utiliza o termo “*Youtuberização*” para caracterizar o processo que transforma o ensino presencial em ensino *on-line.* Com o aumento de carga horária os professores não são devidamente remunerados, pois, o tempo gasto para elaborar conteúdos virtuais é bem mais elevado comparado com o de planejar e elaborar aulas presenciais.

No que diz respeito a *Youtuberização*, os professores foram “obrigados” a assumir essa personalidade da internet, além de profissionais da educação, agora, profissionais da internet, mais uma função que transcede seu oficio, porque que podemos conceitua-los com esse perfil? Ser YouTuber, é descrito como ser criador de conteúdo que faz uso da plataforma YouTube para compartilhar vídeos com sua comunidade e isso é visualizado no momento em que os docentes dedicavam grande parte do seu tempo, criando slides, gravando e editando vídeos para postar na plataforma digital. Outro fator pertinente citado pela autora é o Darwinismo professoral, resultado da intensificação do processo de *uberização*.

> O ensino remoto além de intensificar o processo de *uberização* do trabalho docente, gera um darwinismo professoral, pois apenas continuam cumprindo sua função no cargo aqueles que conseguem se adequar à nova normalidade. Há uma segregação das pessoas que não se adaptam ao novo perfil de trabalho. No caso dos professores sem estabilidade, como é o caso dos temporários e eventuais, ou se adéquam ou serão dispensados. Aos que prosseguem serão cobrados: disciplina, automotivação, proatividade e responsabilidade para lidar com o novo contexto virtual. (SILVA, 2020. P.600)

Com esse agravamento da precariedade advinda das condições postas pela pandemia, podemos citar presença da crise sanitária, econômica, política e social que afetaram ainda

mais a vida dos considerados “marginalizados”, a pobreza, o elevado nível de desemprego, a precarização do trabalhador, além da desigualdade, é nesse “caos” que o professor trabalhou na pandemia, muitas outras formas de precarização surgiam, como, o aumento da carga horária de trabalho, acréscimo de novas demandas impostas pela nova configuração de ensino, custeamento das despesas para bom funcionamento e desempenho do trabalho remoto, compra de recursos, muitos dos docentes não detinham de uma internet de boa qualidade e nem lugares específicos em sua moradia para ministração de suas aulas. Como percebido, há uma associação entre as condições de trabalho e a valorização humana dos professores, quando se presencia condições precárias de trabalho logo nota-se condições que desumanizam essa categoria, como Arroyo (2011, p. 64) revela:

> O grave das condições materiais e de trabalho das escolas não é apenas que é difícil ensinar sem condições, sem material e sem salários, o grave é que nessas condições nos desumanizamos todos. Não apenas torna-se difícil ensinar e aprender os conteúdos, torna-se impossível ensinar-aprender a ser gente. As condições que impedem ou permitem essas aprendizagens são materiais, mas são também de estrutura, de organização e de clima humano ou de relações sociais, humanas, culturais.

Isso nos revela uma situação de opressão vivida pelos professores, no momento em que eles precisaram se adaptar rapidamente a essa novas funções. Todos esses fatores causaram implicações ao exercício de sua profissão, em concordância com Gomes, Nunes e Pádua:

> A precariedade das condições de trabalho pode promover, gradativamente, um processo de ruptura com a docência tanto em decorrência do adoecimento quanto do desencanto pela profissão. Nessa direção, é fundamental a adoção de políticas de cuidado para com a saúde do professor, as quais também podem ser compreendidas como uma das estratégias de valorização docente (2019, p. 292).

Muitos são os obstáculos que dificultam a o enfrentamento do trabalho docente, como bem frisado em momentos de discussões anteriores, a precariedade e ai intensificação do trabalho são pontos recorrentes para encarar e efetuar esse ofício, sobretudo, para as mulheres docentes em qual vivem dilemas de muitas tensões, já que existe a necessidade de vincular as atividades domésticas com as atividades do trabalho, de acordo com Silvia e Guillo:

> [...] o professor dispõe de estratégias de enfrentamento para adaptar-se à realidade. Este enfrentamento leva ao esgotamento dos recursos emocionais e como consequência a deterioração profissional, pessoal e problemas de saúde, principalmente, profissionais do gênero feminino que, além da jornada de trabalho escolar, possuem outra jornada de trabalho doméstico. Essa realidade tem sido apontada em pesquisa [...] a qual destaca que os professores do gênero feminino apresentam maior chance de adoecerem que os professores do gênero masculino (2015, p.3).

Em vista disso, Bonelli e Marinho (2020), analisam o trabalho docente na modalidade *home Office em algumas categorias profissionais e* fazem uma análise sobre o trabalho na modalidade *home office* em algumas categorias profissionais ratificam que os impactos da pandemia mudam conforme a profissão, entre as categorias profissionais examinadas pelas autoras, a profissão docente é a mais feminizada, com jornadas intermitentes, acumulando os cuidados da família, da docência, da casas e do trabalho emocional de administrar os sentimentos que são resultantes dessas exaustão, como as demandas extras. Nessa categoria, encontrar um "escritório em casa", para separar o trabalho produtivo do reproduzido, é difícil. (BONELLI; MARINHO, 2020).

Quadro 04: Letramento Digital.

PROFESSORES	**VOZES**
Azul da Prússia	*"Posso dizer que tenho letramento digital, processo pelo qual eu consigo transitar com as tecnologias e não sofro muito pra me adaptar a elas. Contudo, eu posso dizer que a maioria dos meus colegas não, a gente sabe que a categoria docente é uma categoria mais velha e aí existe um debate geracional de adaptação das novas tecnologias e muitos dos meus colegas sofrem."* *"Eu acho que um dos grandes desafios desse processo do ensino remoto é a inclusão digital dos professores, muitos têm dificuldade em lidar com essas tecnologias, falta letramento digital, e aí entra um problema de formação continuada. O estado da Paraíba não tem uma formação continuada bem estabelecida e bem organizada. A gente não teve uma formação de letramento digital, para que os professores possam se acostumar com essas novas ferramentas da informação, coisa que acho fundamental, também teve a dificuldade de acesso a dispositivos digitais*
Amarelo Ocre	*[...] Então as aulas iniciaram, e aos poucos os professores foram descobrindo as novas ferramentas, como outras plataformas. Na maioria das vezes o professor estava inseguro, sem habilidades tecnológicas e cheios de incertezas.* *"Então a exigência pelo uso das tecnologias, o domínio do uso dessas tecnologias eles não são adquiridos da noite para o dia pelo professor, e as poucas formações que ocorreram e ocorrem em relação ao uso das tecnologias elas ocorrem quando o professor está em horário de aula, ou então em seu momento de lazer, então não tem*

	um tempo, uma parada para pensar, para ouvir o professor, para aprender e planejar junto ao professor." *"Outro desafio que é a realidade enfrentada pela grande parte do professorado principalmente pelos municípios, por conta que a maioria dos professores já têm meia idade com aproximadamente trinta anos de formação. Então essas pessoas não tem tantas habilidades com as tecnologias, elas têm dificuldade em criar um grupo de WhatsAapp, adicionar pessoas em grupo, abrir e enviar emails, entrar no Google sala de aula, baixar ou inserir um documento. Então essas pessoas são professores que encontram grandes dificuldades na execução de sua própria prática. Já outros professores têm mais habilidades, por serem mais jovens, já nasceram e cresceram na época da internet e já convivem com o uso das tecnologias."*
Azul Turquesa	*"No momento que esse trabalho vai pra dentro de casa, os professores acabam por improvisar suas próprias condições de trabalho, também tem o alcance de alunos, a dificuldade de acesso a internet, a questão de se adaptar com as ferramentas de tecnológicas, e mais do que isso, como usar essas ferramentas como utilizar essas ferramentas de maneira pedagógica, então foram muitos desafios que chegaram a esses profissionais."* *"Os professores acabaram por ter que reorganizar essas aulas de contexto presenciais ser haver algum preparo."* *"Muitos dos professores relataram as mudanças das diretrizes muito recorrentes, de inícios eles começam a dar aula de uma maneira em que os mesmos já estavam se acostumando e conseguindo, aí muda a diretriz e eles tem que aprender e se adaptar de novo na velocidade da luz. Então tudo isso gera um processo de exaustão de desgaste muito grande."*

Fonte: Quadro elaborado pela autora – 2022.

Como visto relato das vozes do quadro 04, é possível compreendermos que com o período pandêmico advindo do contexto da pandemia do covid-19 veio juntamente às adaptações da modalidade de ensino, a conversão dos modos de educar, em que esse profissionais se depararam com a virtualização do ensino, se viram submetidos a mergulhar no mundo das tecnologias para melhor encontrar meios para cumprir as demandas que lhes eram direcionadas.

Isso de certa maneira provocou uma série de desafios à classe professoral, pois, por mais, que vivemos na era digital, no mundo em que as tecnologias fazem parte da revolução humana, com existência da velocidade da informação e a internet, que de certo modo nos dias atuais, auxilia, atualiza e moderniza nossas ações tais como, a comunicação e a educação. Entretanto, muitas pessoas não aderem, ou, não faz uso muitas tecnologias ofertadas na atualidade, esse quadro também se refere aos professores. Muitos deles, não dispõem de um computador ou aparelho celular, grande parte não tem o conhecimento para utiliza-lo, não podemos esquecer que mesmo que alguns tenham esses equipamentos, não possuem internet para maneja-los.

Muitos docentes nessa mudança precisaram se reinventar, como destacado no quadro acima, e um ponto relevante é que há uma carência de formação continuada na educação básica, fator existente antes da pandemia, porém, que vem a tona nessa situação. É pertinente indagar que os professores não estavam preparados para lidar com esse contexto, não foram especializados para manusear as ferramentas, muitos nem possuem essas ferramentas. Como elaborar aulas, mediadas pelos recursos tecnológicos, com os mesmo objetivos da educação presencial? Muitas dúvidas surgiam sobre as metodologias e os domínios das ferramentas, causando assim, medos e receios em usar as tecnologias para subsidiar os conteúdos pedagógicos.

De acordo com a pesquisa do Instituto Península intitulada “Sentimento e Percepção dos Professores Brasileiros nos Diferentes Estágios do Coronavírus no Brasil” realizada nos dia 13 e 14 de abril no de 2021, com a participação de 7.734 professores de todo o Brasil, o estudo nos revela que 83,4% dos professores brasileiros ainda se sentem nada ou pouco preparados para o ensino remoto, isso depois de seis semanas de isolamento. A pesquisa também indicou que 88% dos professores nunca tinham dado aulas à distância de forma remota antes da pandemia, 75 % desejaria receber apoio e treinamento para ensinar à distância e 55 % não receberam suporte ou capacitação para ensinar no isolamento social.

Quadro 05: Saúde dos professores na pandemia.

PROFESSORES	**VOZES**

Azul da Prússia	*"Outro ponto é ser grato por uma coisa que deveria ser mínima, não ser obrigado a voltar à escola sem estar imunizado, como acontece em outros estados em que muitos dos meus colegas morreram e morrem todas as semanas."*
Amarelo Ocre	*"Outro ponto bem preocupante é a realidade sócio-emocional em que se encontram estudantes e professores, que foram desencadeadas durante a pandemia. Os profissionais da educação eles já estavam desmotivados antes da pandemia e agora, eles se encontram mais desmotivados ainda, tanto estudantes como professores eles perderam entes queridos, amigos, nós temos relatos de alunos que perderam o pai a mãe, quando já não tinham pai e mãe, perderam o responsável que cuidava deles, então quando as aulas voltarem, nós vamos encontrar 0muitas crianças órfãs."* *[...] "Muitas dessas histórias vão chegar na escola ,então nós precisamos de apoio psicológico tanto para estudantes como para professores, afinal professor também é gente."* *"Todos nós que fazemos a escola, o porteiro a merendeira o secretário, todos nós, os alunos, os pais, todos nós, somo gentes, e gente, sente, sente fome, sente necessidade de afeto, de afago, de acolhimento, de esperança e aí por diante."* *"Os professores estão imunizados, eles estão apenas menos propensos a morte, mas, as crianças não estão imunizadas."*
Azul Vermelho de Cádmio	[...] "Não temos mais direito ao descanso ou momento para desconectar do trabalho e isso vem sendo constante e causando ansiedade e depressão em muitas colegas."
Azul Turquesa	*"Veio à pandemia e mudou radicalmente o modo de organização desse trabalho, criando ainda outras demandas, a gente já tem todo o impacto psicológico, que ele é próprio da pandemia, medo se contaminar, a incerteza, muitas pessoas perderam seus familiares, e os professores acabam tendo que reorganizar de forma que essas aulas no contexto presencial ."* *"Temos uma sociedade que cobra muito, e que diz, por exemplo, que os professores estão recebendo sem trabalhar, e isso também é muito desgastante e frustrante, isso vai gerando um sentimento de tristeza , por que está se fazendo o que pode, está dando o seu melhor, e isso ainda é insuficiente? As pessoas ainda estão cobrando, exigindo. Isso vai minando muito a nossa saúde mental, trazendo muitos sentimentos negativos, muitos sentimentos angustiantes."*

	[...] "Tudo isso gera um esgotamento mental, um cansaço muito grande que vai afetar a saúde mental, entrando em um desgaste da saúde mental em relação às questões de trabalho." *"De forma geral todo esse contexto de pandemia, ele veio agravar essa situação de saúde de profissionais que já vinham passando por uma situação de sofrimento mental."* *"Muitos deles relataram que estavam tendo muitas formações pedagógicas para lidar com as plataformas que foram implantadas, mas, poucos momentos em que paravam para falar sobre o que estava acontecendo, sobre a questão da saúde mental."* *"Nesse final de ano, percebemos os docentes em situação de estresse, cansaço e esgotamento."* *"As pessoas ainda estão cobrando, exigindo. Isso vai minando muito a nossa saúde mental, trazendo muitos sentimentos negativos, muitos sentimentos angustiantes."* *"É preciso que tomarmos cuidado para não naturalizar o cansaço do professor."* *"A gente tem várias pesquisas, muitos dados quantitativos de adoecimento, de afastamento, por doenças mentais mas, nada se é feito."*
Vermelho de Cádmio	*[...] "Não temos mais direito ao descanso ou momento para desconectar do trabalho e isso vem sendo constante e causando ansiedade e depressão em muitas colegas."*

Fonte: Quadro elaborado pela autora – 2022.

Podemos afirmar que a pandemia do COVID-19 gerou grandes impactos na educação como foi pautado nos quadros anteriores, a junção desses desafios contribuíram por prejudicar a saúde desses profissionais. A categoria docente já era afetada com problemas de saúde correlacionados aos níveis de estresse, todas essas mudanças na sua forma de trabalhar, a rápida adaptação, em conjunto com o isolamento social fazem com que esses profissionais estejam susceptíveis ao estresse durante esse período, razão pelo qual gera um mal-estar docente, que para Pachiega e Milani (2020), o mal-estar docente é inteiramente ligado às novas formas de relações da pratica pedagógica, à identidade docente e às demandas do mundo externo que não estão sob o controle de professores e alunos.

A pesquisa "A situação dos professores no Brasil" realizada pela Revista Nova Escola, no mês de maio, com a participação de 8.121 docentes, apresenta dados que colaboram com o que foi argumentado: 30% dos respondentes classificaram a experiência virtual como ruim ou péssima; 66% já precisaram se afastar do trabalho por questões de saúde; estresse e dor de cabeça (63%), insônia (39%) e dores nos membros (38%) foram as grandes queixas reveladas. Acentua que ainda 51,1% dos professores dizem não ter recebido formação para o trabalho remoto de suas redes ou mantenedores para trabalhar (NOVA ESCOLA, 2020).

A intensificação, a exploração e precariedade do trabalho docente tem tido efeitos preocupantes à saúde dos professores e todo corpo trabalhador da educação, diversificadas manifestações de adoecimento como, as doenças psicológicas, dentre elas, o estresse, depressão, e ansiedade e as físicas podemos citar, as dores musculares advindas de horas e horas em frente dos computadores no home *Office*. É notado nas vozes acima alguns sentimentos advindos do carregamento de funções, desse momento atípico que agravam o adoecimento e despertam a vontade de desistência profissional, tudo isso coopera para o surgimentos de sentimentos que expressam sensações negativas, tais como, fracasso, impotência, esgotamento, frustação, depressão e estresse.

De acordo com que nos denota também a pesquisa do Instituto Península sobre os diferentes sentimentos e percepções dos professores brasileiros em diferentes estágios da pandemia. Conforme os dados expostos, os sentimentos mais vividos entre os professores são: cansaço, ansiedade, estresse e frustração. Nas ultima semanas da pesquisa, 67% dos educadores se sentem ansiosos, 36% entediados, 38% cansados, 34% estressados, 35% sobrecarregados e 27% frustrados. Além disso, apresenta que os professores também demonstram estarem mais preocupados com a saúde de suas famílias do que com a própria a saúde física e mental.

Quadro 06: Maiores desafios evidenciados.

PROFESSORES	**VOZES**

Azul da Prússia	*"Tenho plena convicção que o desafio maior de todos é estar vivendo em uma pandemia, condições psicológicas poucas pessoas estão tendo, eu enxergo muito esse ensino remoto como " pelo menos", pelo menos estamos ofertando."* *(...)"Eu acho que continua sendo garantir a democracia dentro das escolas, eu acho que a garantia de democracia é uma coisa fundamental e ela continua na pandemia."*
Carmim	*"Estão sendo dias difíceis, para colocar tudo em prática, é um desafio muito grande alfabetizar crianças a distância."*
Violeta Cobalto	*"Atuando na educação básica uma das coisas que mais me chama atenção é que quando precisamos dialogar sobre algum assunto não me perguntam o que eu acho o que eu posso em relação aquele assunto, já chegam afirmando o que eu não sei ou, o que eu não posso, o desafio de estar professor pra mim, é algo que de certa maneira exige um tanto mais de mim, isso a minha perspectiva de pessoa com deficiência, de desconstruir conceitos e ressignificar a minha prática."* *"Eu já pensei em desistir, porque tem horas que é difícil, que é sofrido demais, mas quando eu vejo alguns movimentos que vivencio aquilo, é como um remédio pra mim, eu vejo, e ressignifico."*
Amarelo Ocre	*"Até esse momento, não há ações concretas que alcancem os desafios da sala de aula remota, e nem da sala de aula que venha ser presencial, nesse momento requer ações do governo, ações de acolhimento, de escuta, de planejamento, de investimento em infraestrutura, da escola, em equipamentos, formação do professor, a necessidade de assistência à família, políticas de empregabilidade, tudo isso, pode e deve acontecer, os governos, eles precisam dá maior condições aos professores e ao estudantes, as ações que estão acontecendo como já falei anteriormente são muito tímidas, e não atende as necessidades reais."*

Fonte: Quadro elaborado pela autora – 2022.

Em suma, constatamos que os docentes encararam os mais diversos desafios na pandemia, e ainda mais, partes deles já vinham sendo arrastados de outros momentos da história, os obstáculos já existiam no passado, sejam eles na sala de aula, na falta de infraestrutura, de autonomia, dignidade, condições de trabalho, pela cultura de desvalorização da profissão, o sucateamento da educação pública. Paulo Freire nos reitera sobre a luta em busca dos direitos dos educadores:

> Se há algo que os educandos brasileiros precisam saber, desde a mais tenra idade, é que a luta em favor do respeito aos educadores e à educação inclui que a briga por salários menos imorais é um dever irrecusável e não só um direito deles. A luta dos professores em defesa de seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática ética. Não é algo que vem de fora da atividade docente, mas algo que dela faz parte. O combate em favor da dignidade da prática docente é tão parte dela mesma quanto dela faz parte o respeito que o professor deve ter à identidade do educando, à sua pessoa, a seu direito de ser. Um dos piores males que o poder público vem fazendo a nós, no Brasil, historicamente, desde que a sociedade brasileira foi criada, é o de fazer muitos de nós correr o risco de, a custo de tanto descaso pela educação pública, existencialmente cansados, cair no indiferentismo fatalistamente cínico que leva ao cruzamento dos braços. "Não há o que fazer" é o discurso acomodado que não podemos aceitar. (FREIRE, 2005. p, 27.)

Dado isso, ser professor na atualidade abarcam desafios ainda maiores, e ainda mais complexos, e há outros completamente novos, como exemplificado na inserção do ensino remoto. Dessa forma, é primordial que os profissionais da educação busquem maneiras de superá-los, de conscientizar-se criticamente para que resistam não se deixem dominar, que assumam o seu lugar no mundo, e sigam na tarefa de ensinar e aprender, colaborando na formação de novos sujeitos. Como nos alega Freire, que é necessário que os professores estejam prontos para superar seus desafios, cumprindo o seu papel transformador e libertador no mundo, uma vez, que em umas das suas mais famosas frases diz, a "educação não transforma o mundo. A educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo." Em seus escritos afirma:

> É assim que venho tentando ser professor, assumindo minhas convicções, disponível ao saber, sensível à boniteza da prática educativa, instigado por seus desafios que não lhe permitem burocratizar-se, assumindo minhas limitações, acompanhadas sempre do esforço por superá -las, limitações que não procuro esconder em nome mesmo do respeito que me tenho e aos educandos. (FREIRE, 2005, P. 29).

Quadro 07: Anúncios.

PROFESSORES	**VOZES**
Azul da Prússia	**"***Resistam! A única coisa que a gente tem que fazer agora é resistir porque as coisas não estão fáceis, elas nunca foram fáceis, mas, hoje elas estão mais difíceis ainda. A educação precisa de pessoas engajadas. (...) você professor professora ocupe os espaços sua voz é mais que necessária."*

Violeta Cobalto	*"Às vezes a teoria e prática precisam caminhar juntas, a gente tem que aprender fazendo, e foi o que a gente fez na pandemia, aprendeu fazendo. Esse período de pandemia, foi desafiador demais, ainda está sendo."*
Marrom Van Dick	*"Digo que não existe receita mágica para ser um bom professor e estar no palco da sala \de aula. É essencial uma postura ética, senso de justiça, saber ouvir e dialogar, saber se comunicar e lidar com pessoas. Acredito que a beleza do trabalho docente é de também o professor ser um agente de transformações sociais, porque todos os dias transmitem mensagens para tantas pessoas, ajuda a formar profissionais e a descobrir potenciais. Essa profissão no Brasil é relegada ao segundo plano, com os professores sendo desrespeitados dentro da escola e na sociedade, mas que na verdade deveria ser reconhecida como atividade essencial para a busca de uma sociedade mais justa e democrática."*
Laca Orquídea	***"****Eu coloco o professor de educação em um lugar sagrado, mas não tome o sagrado com algo sacro. Mas é de beleza e vida, aquilo que deve ser preservado, eu acho que o professor de educação precisa desse cuidado, e o cuidado necessariamente não é colocar ele em lugar de deus não, como muita gente faz quando quer cobrar dele um resultado,mas, colocar ele no devido lugar de Profissional, ser professor é ser um profissional, quando eu sou profissional eu preciso ser reconhecido também e inclusive financeiramente por esse espaço que eu ocupo, que é um espaço tão importante de formação de gerações."*
Amarelo Ocre	*[...] Essa volta às aulas, não deve ser colocada como responsabilidade do professor.* *"E faço agora o meu apelo aos governantes, assumam suas responsabilidades, nesse momento o professor é só mais uma vítima, o professor tem se doado todo dia incansavelmente, tem se endividado comprando equipamentos, doando chips aos alunos, doando cestas básicas, fazendo vaquinhas, eu não vejo contrapartida dos nossos governantes."* *"O quão é importante a presença pedagógica do professor, principalmente na vida de um indivíduo, na vida das nossas crianças e adolescentes que utilizam a escola pública."*
Azul Turquesa	*"Reinvenção é a palavra que descreve os professores nesse momento."*

Fonte: Quadro elaborado pela autora – 2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de conclusão de curso desdobrou-se a partir do delineamento de um momento marcante e histórico vivido pela população brasileira, no que se refere a um contexto social especifico, o da pandemia do COVID - 19 e os desafios vividos na educação pública brasileira. Ao longo dessa pesquisa, comprova-se uma realidade de enfrentamento de crises em vários âmbitos, em meio a este cenário que atinge os seres humanos, os profissionais da educação, particularmente os professores, acabam por desenvolver o seu trabalho de forma adaptada para dar melhor seguimento ao processo de escolarização.

Nesse viés, desencadeou-se a implantação do ensino emergencial remoto, o que acentuou e descortinou algumas desigualdades sociais prejudicando a profissão docente. Os dados da investigação da pesquisa mostraram que os objetivos foram alcançados, por meio das análises das vozes dos educadores participantes do canal virtual "Voz Docente", possibilitando percepção das marcas das opressões existentes na profissão docente.

Diante do que foi pesquisado e discutido, a contar com os relatos de experiências, o ensino remoto chega pra evidenciar questões sobre a profissionalidade do professor que não podem ficar desassistidas, refiro-me à valorização do professor como ser humano e profissional, a intensificação, a precarização do seu ofício, bem como as dificuldades em operar os meios virtuais, o silenciamento de suas vozes, a escassez de formação e assistência à saúde física e mental dessa categoria.

Esse desamparo foi ampliado ainda mais na pandemia, consequente da perversa insistência do discurso que os igualam ao período fabril de exploração de que "não podem parar", e ainda assim, as outras formas opressoras que inibem suas vozes, que os objetificam, não dando importância a sua humanidade, dignidade e sua autonomia, impedindo o que Paulo Freire acredita ser "o único e irremediável destino para o ser humano: ser mais."

Nessa perspectiva, algumas reflexões são necessárias para mudar o futuro da educação, começando pela valorização dos professores e reconhecimento do seu papel transformador da sociedade. A educação precisa de investimentos para propiciar aos professores(as) melhores condições em exercer sua prática e corroborar com uma educação de qualidade. É preciso desenvolver a sensibilidade de cuidar desses profissionais, cativá-los,

para que despertem neles o reconhecimento, compromisso, comprometimento com sua profissão. Necessita-se de políticas de melhoramentos, para que eles se sintam pertencentes a essa profissão tão desafiadora, como seres humanos cientes do seu acabamento, os educadores também estão em uma constante busca da autorrealização, de "serem mais", apesar das maneiras que o negam a sua própria vocação ontológica."

O canal "Voz Docente" agiu como meio de valorização, pois é uma ferramenta de desmistificação da hierarquização que possui a profissão de professor comparada às demais profissões, e é um ambiente que apresenta outra visão sobre o que é ser professor(a) na sociedade. Além de ser uma rede que possibilita uma reflexão sobre o sistema educacional, ainda se tornando um canal incentivador aos alunos que cursam ou desejam cursar licenciatura, vista que também ainda é uma área pouco valorizada, acrescentando várias experiências no campo do conhecimento beneficiando o aluno/ futuro professor, aprimorando e favorecendo um crescimento pessoal e profissional que contribui positivamente ao discente a oportunidade de construir o caminho a ser percorrido durante o seu processo de formação.

Na pandemia, o canal teve um papel significativo, proporcionando uma troca de conhecimentos, narrativas e posicionamentos vividos na realidade do "chão da escola", indo além das fronteiras físicas da universidade. Foi e é um espaço de acolhimento coletivo, que escuta e movimenta a palavra, restaurando à condição de sujeitos dessa categoria, nesse compartilhamento os professores tiveram a oportunidade de falar, perguntar, se expressar, e se posicionar em meio os sofrimentos e bonitezas vividos na sua prática.

Freire nos inspira e nos ensina como ir superando os desafios do que é ser educador e educadora no Brasil, resistindo aos projetos de educação desumanizantes, desvelando e questionando as condições opressoras, exaltando a impressibilidade do professor, despertando nos educandos a consciência de que são sujeitos do próprio processo de educação, e que essa, só acontece quando é libertadora. Como Freire (1997) afirma:

> Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo com consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar o futuro para a humanidade sem educadores [...] porque constroem sentido para a vida das pessoas e para a humanidade e buscam, juntos, um mundo mais justo, mais produtivo e mais saudável para todos, por isso eles são imprescindíveis.

Assim, a experiência do canal "Voz docente" encontra-se aberta a novas análises de compreensão freireana da docência. Outras pesquisas podem ser exploradas no sentido de

compreender a profissão professor, principalmente em tempos de crises. Que a força freireana nos inspire.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, A. A.; Oliveira, D. A. **Intensificação do trabalho e saúde dos professores**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 30, n. 107, p. 349-372, 2009. Disponível em:

http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302009000200003. Acesso em: 29 de Nov. 2022.

ALBINO, Ângela Cristina Alves. **AUTONOMIA CURRICULAR EM ENUNCIAÇÃO POLÍTICA: significações docentes.** Tese de doutoramento. João Pessoa. Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2015.

ARANHA, M. L. A. (2006). ***História da Educação e da Pedagogia*: geral e Brasil. Moderna.**

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ARROYO, M. Petrópolis: Vozes, 2011.***Ofício de mestre*: imagens e autoimagens.**

ARROYO, Miguel Gonzáles**. Currículo, território em disputa**. – Petrópolis, RJ:Vozes, 2011.

Barisi, G**. L'intensification du travail, entre économie de temps et économie des échanges.** In: ASKENAZY, P. et al. (Orgs.). Organisation et intensité du travail. Toulouse: Octarès, 2006. p. 11-20.

BARBOSA, A. As **implicações dos baixos salários para o trabalho docente no Brasil.** Anais 35ª. *Reunião da Anped* Disponível em: http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt05-2468_int.pdf.Acesso em: 11 maio. 2022.

BARBOSA, S. R. S.; FILHO, G. G. S. **Política educacional pombalina: a reforma dos estudos menores e a mudança no método de ensinar.** VII Congresso Brasileiro de História da Educação: circuitos e fronteiras da História da Educação, 2013.

BARRETTO, Elba Siqueira de Sá. **Trabalho docente e modelos de formação: velhos e novos embates e representações** In: DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas et al. Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRASIL; INSTITUDO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANPISIO TEXEIRA. **Relatório Nacional: pesquisa internacional sobre ensino e aprendizagem:** Talis 2018: segunda parte [recurso eletrônico] – Brasília, DF: Inep. 2021.Disponível em:>https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/relatorio_nacional_pesquisa_internacional_sobre_ensino_e_aprendizagem_talis_2018_segunda_parte.pdf.> Acesso em : 27 de maio, 2022.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico.** Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 2000.

BONELLI, M. da G.; MARINHO, R. **Gênero, profissões e home office na pandemia**. 2020. Disponível em: http://www.ppgs.ufscar.br/sociologia-na-pandemia-14/. Acesso em: 30 nov 2022.

CARNEIRO, Moacir Alves. **LDB fácil: leitura critico-compreensiva: artigos a artigo**.9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CASTEL, Robert**. As metamorfoses da questão social.** Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

CATTANI, Antonio David (org.). **Dicionário crítico sobre Trabalho e Tecnologia.** 4. ed. Petrópolis: Vozes; Porto Alegre: UFRGS, 2002.

_____. **Conscientização/Paulo Freire; tradução de Tiago José Risi Leme.** São Paulo: Cortez, 2016.

COSTA, M. V. ***Trabalho docente e profissionalismo***. Porto Alegre: Sulina, 1995.

CNTE: **Adoecimento na educação**. Disponível em : https://www.cnte.org.br/index.php/menu/comunicacao/posts/noticias/75180-crise-de-ansiedade-e-depressao-em-professores-e-resultado-da-exploracao-de-trabalho-e-da-desvalorizacao-do-ensino-diz-psicologa. Acesso em: 19 de outubro. 2022.

DAL ROSSO, S. **Mais Trabalho!**a intensidade do labor na sociedade contemporânea. São Paulo : Boitempo, 2008. 206 p.

DAL ROSSO, Sadi. Intensidade e imaterialidade do trabalho e saúde. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 4 n. 1, p. 65-91, 2006.

DAL ROSSO, Sadi e FORTES, José Augusto A. Sá (Orgs.). **Condições de trabalho no limiar do século XXI.** Brasília: Épocca, 2008.

EXTRA https://extra.globo.com/noticias/educacao/metade-dos-professores-da-educacao-basica-esta-sobrecarregada-desmotivada-ansiosa-cansada-diz-pesquisa-25237101.html.

FREIRE. Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** Tradução de Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 25ª ed, 1996.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança.** 15. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido/Paulo Freire.** 77. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. ***O papel da educação e humanização***. Revista Paz e Terra, Ano IV, n°9, Outubro, 1969, p. 123-132.

GADOTTI, Moacir. **A Voz do Biógrafo Brasileiro: A prática a altura do sonho.**Paulo Freire. Uma Biobibliografia. São Paulo: Cortez Editora / Instituto Paulo Freire, 1996.

_____. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho D´ água, 2013.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983a.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 33 ed.Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1992.

GOMES, Valdete Aparecida Fernandes Moutinho; NUNES, Célia Maria Fernandes; PÁDUA, Karla Cunha. **Condições de Trabalho e Valorização Docente: um diálogo com professoras do ensino fundamental I**. In: Revista Brasileira Estud. Pedagogia. Brasília, v. 100, n. 255, p. 277- 296, maio/ago, 2019.

GROCHOSKA. Marcia Andreia. **Políticas educacionais e a valorização do professor:** carreira e qualidade de vida dos professores de educação básica do município de São José dos Pinhais/PR. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

LIRA, Ildo Salvino de. **A desvalorização do trabalhador docente brasileiro:** o que dizem os documentos oficiais? Revista Profissão Docente. Uberaba, v. 13, n.29, p. 63-72, jul. dez, 2013.

LÜDKE, M.; BOING, L. A. **Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes.** Educação & Sociedade, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1159-1180, set./dez. 2004. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/es/v25n89/22616>.Acesso em: 01 maio 2022.

LÜDKE, M.; BOING, L.A. **O trabalho docente nas páginas de Educação & Sociedade em seus (quase) 100 números.** Educação & Sociedade, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1179-1201, 2007.

MENDONÇA, Nelino Azevedo de**. Pedagogia da Humanização – A pedagogia humanista de Paulo Freire.** São Paulo: Paulus, 2008.

NIAS, Jennifer. *Changing Times, Changing Identities: Grieving for a Lost Self,* In: Educational Research and Evaluation. London: The Falmer Press, 1991.

NOVA ESCOLA. **A situação dos professores no Brasil durante a pandemia**. [S. l.], 2020. Disponível em: https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/ MEWKNnJz3TJ8kKd7UhRpCuVcR95vP4VAEk83JtQSe4cferz85NnUvehrccET/ ne-pesquisa-professor-final-1.pdf. Acesso em: 29 nov. 2022.

NÓVOA, A. ***Profissão professor***. Porto: Ed. Porto, 2003.

NÓVOA, Antonio. **Profissão professor.** NÓVOA, A. (org.). Profissão professor. 2 ed. Porto: Porto Editora, 1999.

NÓVOA, Antonio (org.). **Os professores e a sua formação**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

NÓVOA, Antônio. **Formação de professores e formação docente.** In: NÓVOA, Antônio. Os profes0sores e a sua formação. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992. p. 15-33.

NÓVOA, A. **O processo histórico de profissionalização do professorado**. In: _____ (Org.). Profissão professor. 2ª ed. Porto: Porto Editora, 1995a. p. 13-33._____ (Coord.). Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1995b.

NUNES, A. J. P. G.; NUNES, W. A. J. P. G. Considerações sobre o aumento da produtividade do trabalho e suas consequências para os professores e demais trabalhadores do funcionalismo público. **Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara, v. 6, n. 2, jan. /jun. 2013. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/redd/article/view/6447/4756. Acesso em: 27 novembro 2022.

NUNES, Clarice. **A sina desvendada**. Educação em revista, n. 2, p. 58-65, dez. 1985.

OLIVEIRA, M. G. L. **A profissionalização docente.** In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 11., 2013, Curitiba. *Anais eletrônicos*...Curitiba: Educere, 2013. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/pdf/10233_5654.pdf>. Acesso em: 12 de Abril de 2022.

PACHIEGA, Michel Douglas; MILANI, Débora Raquel da Costa. **Pandemia, as reinvenções educacionais e o mal-estar docente:** uma contribuição sob a ótica psicanalítica. Dialogia, São Paulo, n. 36, p. 220-234, set./dez. 2020.

PENIN, S. T. S. **Profissão docente. Salto para o futuro**, Rio de Janeiro, v.19, n.14, out. 2009a. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov. br/storage/materiais/0000012181.pdf>. Acesso em: 01 maio 2022.

PINTO, José M. R. **Remuneração adequada do professor – desafio à educação brasileira. Retratos da escola**. Brasília, v. 3, n. 4, p. 51-67. jan./jun. 2009.

INSTITUTO PENSINSULA. **Em quarentena: 83% dos professores ainda se sentem despreparados para ensino virtual.** Instituto Península. São Paulo. 2020. Disponível em: https://www.institutopeninsula.org.br/em-quarentena-83-dosprofessores-ainda-se-sentem-despreparados-para-ensino-virtual/ Acesso em 01 de novembro de 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEXEIRA. INEP. **Relatório Nacional: pesquisa internacional sobre ensino e aprendizagem:** TALIS 2018 – primeira parte [recurso eletrônico]. Brasília: INEP, 2019. Disponivel em https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/relatorio_nacional_pesquisa_internacional_sobre_ensino_e_aprendizagem_talis_2018_primeira_parte.pdf> Acesso em : 27 de maio 2022.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEXEIRA. INEP. **Relatório Nacional: pesquisa internacional sobre ensino e aprendizagem:** TALIS 2018 – segunda parte [recurso eletrônico]. Brasília: INEP, 2021. Disponivel em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/relatorio_nacional_pesquisa_internacional_sobre_ensino_e_aprendizagem_talis_2018_segunda_parte.pdf> Acesso em 29 de maio 2022.

ROLDÃO, M. **Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional**. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 94-103, abr. 2007. Disponível

em: <www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782007000100008&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 Abril de 2022.

SILVA, Amanda. DA UBERIZAÇÃO À YOUTUBERIZAÇÃO. **RTPS - Revista Trabalho, Política e Sociedade**, v. 5, n. 9, p. 587-610, 11 dez. 2020.

SILVA, Regisnei Aparecido Oliveira; GUILLO, Lídia Andreu**. Trabalho Docente e Saúde: um estudo com professores da educação básica do sudoeste goiano**. Itinerarius Reflectionis In: Revista Eletrônica da Pós Graduação em Educação. UFG. Jutaí, v. 11, n. 2, p. 1-17, 2015.

SCOCUGLIA, A. C. **As interconexões da pedagogia crítica de Paulo Freire**. Filosofia e Educação, Campinas, v. 10, n. 1, p. 200-232, jan./abr. 2018. Doi:10.20396/rfe.v10i1.8652006. Disponível em:https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8652006. Acesso em: 19 maio.2022.

SPRANGER, Eduard. *Der geborene Erzieher.* Heidelberg: Quelle & Meyer, 1958.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Ed.). **Dicionário Paulo Freire**. Autêntica, 2015.